

ISTO É

Edição 5 - 3/10/25

A SEMANA

COQUETEL MORTAL

Adulteração de bebidas de marcas conhecidas por metanol deixa rastro de vítimas e chama a atenção para o despreparo das autoridades para combater produtos falsificados por criminosos



ISTO É
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

Ameaça invisível

Poucas coisas são tão aterrorizantes quanto a ameaça de envenenamento coletivo levada a cabo por criminosos gananciosos e inescrupulosos. Foi justamente essa situação que se desenhou nos últimos dias com o surgimento de suspeitas de intoxicação por metanol (um solvente de uso industrial) entre pessoas que tomaram bebidas alcoólicas de marcas respeitadas e conhecidas.

Os primeiros casos se concentraram na cidade de São Paulo e São Bernardo do Campo. Depois, a suspeita se estendeu para Recife e Brasília. Ao final da semana, no fechamento desta edição na tarde de quinta-feira, 2, os dados oficiais davam conta de 59 casos sus-



PAULO WHITAKER/REUTERS

Uma morte foi confirmada por testes em laboratório; outras sete estão em investigação

peitos de intoxicação com uma morte confirmada e sete em investigação (três em São Paulo, duas em São Bernardo e duas em Recife).

O desenrolar dos acontecimentos detonaram ondas de choque entre estabelecimentos comerciais dos mais diversos tamanhos e perfis, gigantes globais da indústria de bebidas, secre-

tarias estaduais de governo e ministérios. No epicentro de tudo uma realidade chocante: a facilidade com que se adultera bebidas no país. Dados oficiais dão conta que um terço dos destiladas tem algum grau de adulteração, o que garante lucros consideráveis aos responsáveis. Uma realidade inaceitável e que precisa ser combatida.

Índice

FOTO DA CAPA: MONTAGEM COM IMAGEM GERADA POR IA

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 16 ECONOMIA
- 20 INTERNACIONAL
- 24 TECNOLOGIA
- 26 SAÚDE
- 27 CIÊNCIA
- 29 GENTE
- 32 ESPORTE
- 34 ESTILO DE VIDA
- 35 ENTRETENIMENTO
- 39 MEMÓRIA
- 41 O MELHOR DAS REDES
- 42 PALAVRA POR PALAVRA



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Governo conquistou sua maior vitória na Câmara



DIVULGAÇÃO/AMAZON

Bad Bunny fará o show do Super Bowl 2026



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

A primatologista Jane Goodall morreu aos 91 anos

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/
Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Kakay: "Há críticas de partidos políticos e parlamentares, mas o Supremo hoje é provocado em praticamente tudo"

LEONARDO MONTEIRO/ISTO É

"Bolsonaro cairá no ostracismo"

Advogado criminalista habituado aos círculos de poder, Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, analisa o julgamento de Jair Bolsonaro e afirma que o STF foi essencial para a democracia

Conhecido por sua atuação em rumorosos casos do poder em Brasília, o advogado criminalista Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, analisa o papel do Supremo Tribunal Federal (STF) nos últimos anos, especialmente diante dos ataques às instituições no governo Jair Bolsonaro e

já na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva. Em um cenário político tenso com a condenação do ex-presidente a 27 anos e três meses de prisão por participação na trama golpista, ele avalia que a Corte "foi o poder que salvou a democracia".

João Vitor Revedilho

O que esperar da presidência de Edson Fachin no Supremo Tribunal Federal?

O Supremo Tribunal Federal teve um papel fundamental para garantir a estabilidade democrática do país em um momento de grande instabilidade. Apesar de críticas ao Judiciário como um todo, que muitas vezes reflete estruturas patrimonialistas e excludentes, foi esse poder que resistiu quando o Executivo adotou posturas antidemocráticas e o Legislativo estava amplamente cooptado. Nesse contexto, a chegada do ministro Fachin à presidência do STF é vista como positiva. Ele é um jurista preparado, de perfil circunspeto e com forte formação humanista, características adequadas para conduzir o Tribunal a um momento de maior tranquilidade e menor exposição. Se o Supremo puder atuar de forma mais invisível, cumprindo seu papel institucional, melhor para a democracia.

Essa redução do protagonismo, então, será bom para a Corte?

O protagonismo do STF surge porque o Judiciário é um poder inerte, que só age quando provocado. Nos momentos mais graves, ele foi acionado e cumpriu seu dever ao se manifestar.

Seria ideal, porém, que isso não fosse necessário. O ministro Fachin parece trazer essa postura institucional sóbria, mas firme quando necessário. O desejável é que o Judiciário possa, com o tempo, sair do centro dos holofotes.

O STF tem se enfraquecido nos últimos anos diante das críticas e dos questionamentos de parte da opinião pública?

Pelo contrário, vejo um Supremo extremamente fortalecido. Temos de pensar que o Poder Judiciário só age quando é provocado. E o Supremo tem sido acionado exatamente pela importância dele. Em regra, quem mais o aciona é o poder legislativo, que critica o que eles chamam de "ativismo". O Supremo tem influência fundamental no país, especialmente após a tentativa de golpe. Nós vivemos quatro anos do governo do presidente Jair Bolsonaro, que fez um verdadeiro massacre nas instituições democráticas do país. Naquele momento, tínhamos, infelizmente,

te, um Congresso Nacional cooptado. Com isso, aconteceu aquela tentativa de golpe, de forma clara, já que há mais de 700 pessoas condenadas pelos ataques. Quem sustentou a estabilidade democrática do país foi o STF. Sempre fui crítico do judiciário. É um poder patrimonialista, machista, misógino e reacionário. No entanto, quando chamado à responsabilidade, foi o poder que salvou a democracia. Acho que nos cabe apoiá-lo.

O conflito entre legislativo e judiciário deve continuar? Como evitar esse embate com um Congresso mais conservador?

Há críticas de partidos políticos e parlamentares, mas o Supremo hoje é provocado em praticamente tudo. Embora haja críticas sobre seu protagonismo, a Corte não pode se furtar a decidir quando formalmente acionada. A expectativa é que a presidência do ministro Fachin traga uma visão mais social ao Tribunal, especialmente em temas trabalhistas. Espera-se que ele conduza essas questões com um olhar mais sensível às demandas da sociedade e dos trabalhadores, diferente do que se via anteriormente.

O projeto de redução de penas do Congresso não é interferência no judiciário? É contraditório ver ministros do STF apoiando a revisão de condenações que eles próprios definiram?

É absolutamente inconstitucional e imoral que o legislativo tente reduzir penas específicas impostas pelo STF, como a do ex-presidente Jair Bolsonaro. Embora seja possível debater a revisão geral de tipos penais e penas – o que poderia beneficiar réus retroativamente –, interferir em um caso concreto constitui grave afronta à separação dos poderes. Agora que os seus líderes serão presos, logo, logo, Bolsonaro vai estar na Papuda [Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília], o general Augusto Heleno vai estar em Bangu 8 [uma das unidades do Complexo Penitenciário de Gericinó, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, conhecido como Bangu; ela recebeu presos da Lava Jato e réus de maior repercussão política e econômica]. Essa história de dosimetria de pena



LEONARDO MONTEIRO/ISTOÉ

não existe [proposta defendida atualmente pelo que era chamado de PL da Anistia, que hoje busca a redução de penas dos condenados pela trama golpista]. Eles serão presos em muito pouco tempo, recolhidos no sistema penitenciário. A eventual abertura de um debate amplo sobre o sistema penitenciário e a dosimetria penal, no entanto, poderia ser positiva. Seria uma oportunidade para revisar o excesso de encarceramento e as condições carcerárias, temas historicamente defendidos por setores humanistas. Se a direita – que sempre defendeu penas mais rigorosas – agora se dispuser a essa discussão de forma estrutural, e não apenas para beneficiar seus líderes como Bolsonaro, isso poderá representar um avanço para o sistema de justiça brasileiro.

A manutenção da prisão de Bolsonaro fora do processo da trama golpista é correta?

É importante lembrar que o Bolsonaro não está preso no processo que

trata sobre a tentativa de golpe. Ele está preso por obstrução de Justiça no caso de Eduardo Bolsonaro, que fatalmente terá a prisão decretada. Imagino a angústia de quem foi presidente da República se ver condenado a 27 anos e três meses. Ele deve acordar com síndrome do pânico, com medo e raiva das pessoas. Respeito esse sentimento, mas o ministro Alexandre [de Moraes] foi comedido, moderado. Ele poderia ter mandado Bolsonaro para a prisão preventiva, pois ele desobedeceu a medidas cautelares. Não tem nada mais grave do que afrontar o STF e não ter consequências. Isso é desmoralizar a Corte. Acredito que tentar afrontar o STF tenha sido uma estratégia. Ele sabia que seria preso – e havia provas robustas para isso. Há um general importante no governo Bolsonaro que confessou ter feito um plano para matar Lula, Moraes e [Geraldo] Alckmin. É algo inacreditável. A maioria das provas foi produzidas por eles. Eles forçaram a prisão? Do meu ponto de

vista, forçaram. O ministro Alexandre não caiu na armadilha e determinou a prisão domiciliar. Tinha de se tomar uma atitude. O Supremo não pode deixar uma decisão ser desrespeitada. Em dezembro, eu ouvia que, se encostasse um dedo em um general, o Brasil cairia. O Braga Netto está preso e o Mário Fernandes também. E depois falaram que se chegassem perto de Bolsonaro, o Brasil cairia. Ele está preso. Eu moro em Brasília e da minha casa vejo o caminho para a casa do ex-presidente. No primeiro dia da prisão, houve uma movimentação de pessoas indo para a porta da casa dele. No segundo dia, já não tinha nenhuma pessoa. Preso preventivamente e condenado, Bolsonaro vai cair no ostracismo. Ninguém vai lembrar dele. É assim que funciona a democracia.

Por que o Código Penal não é mais efetivo? O que falta para modernizá-lo?

O Brasil é um país excessivamente punitivo, e essa cultura permeia até mesmo setores progressistas. A recente condenação do Supremo sobre o estado de coisas inconstitucional do sistema prisional, apesar de simbolicamente importante, não trouxe mudanças reais [em outubro de 2023, o STF declarou que o sistema penitenciário brasileiro vive “um estado de coisas inconstitucional” devido a violações massivas e estruturais de direitos fundamentais de pessoas nas prisões]. A realidade carcerária continua sendo uma vergonha nacional. A prisão de figuras como Jair Bolsonaro e general Heleno pode forçar um debate que a sociedade sempre evitou. Se este momento levar a uma discussão séria sobre a miserabilidade do sistema penitenciário e a efetiva aplicação da Lei de Execução Penal [Lei 7.210/1984, que prevê direitos básicos de presos: saúde, educação, trabalho, assistência jurídica e progressão de regime], então terá sido um avanço crucial, indo além da necessária contenção do golpismo. A lei, se cumprida, libertaria milhares de presos ilegalmente.

Como avalia a condenação de Bolsonaro e as articulações de Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos contra ministros do STF?



LEONARDO MONTEIRO/ISTOÉ

A prisão de Jair Bolsonaro não guarda nenhuma relação jurídica com a prisão preventiva de Lula. Enquanto Lula foi preso preventivamente sem condenação definitiva, Bolsonaro é um condenado com processo transitado em julgado, o que torna seu encarceramento na Papuda inevitável. O processo foi público, seguiu o devido processo legal e as penas severas decorrem da soma dos crimes atribuídos, especialmente por ser considerado líder de organização criminosa. Quanto a Eduardo Bolsonaro, seu autoexílio nos Estados Unidos sob proteção de Trump não impedirá seu futuro encarceramento. Réu por obstrução de Justiça, suas ações televisivas inclusive contribuíram para a prisão do pai. Apesar do protecionismo momentâneo, sua condenação é considerada inevitável pela comunidade jurídica, e sua volta ao Brasil significará prisão. Ele é muito fraco intelectualmente; acha que pode ser candidato a presidente da República, mas ele será preso. Tem o desprezo, no meu ponto de vista, dos democratas, dos bolsonaristas em boa parte e da própria família. Edu-

ardo coloca o pai em uma situação delicadíssima, e ele, em breve, será abandonado pelo sistema norte-americano.

Com Moraes assumindo a vice-presidência do STF, como fica o futuro da Corte com Trump no poder?

A postura autoritária do governo Trump, especialmente seu desejo de interferência no judiciário brasileiro, reflete a decadência da hegemonia norte-americana. É lamentável testemunhar um país outrora influente adotar medidas desesperadas contra instituições democráticas, como fez contra o Tribunal Internacional. Essa crise de poder global acaba afetando aqueles que defendem a democracia. Figuras como Eduardo Bolsonaro se aproveitaram desse cenário, mas sua condenação e prisão são inevitáveis. Da mesma forma, as investidas contra o ministro Alexandre de Moraes – que cumpre seu papel constitucional com firmeza – não abalarão sua atuação técnica e democrática no STF. Sua resistência segue sendo fundamental para o país. **E**

Decisão por unanimidade

Com apoio de bolsonaristas, Lula emplaca maior vitória de seu governo na Câmara e aprova, após meses de negociações, a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil

João Vitor Revedilho, de Brasília



A isenção do IR para quem ganha R\$ 5 mil teve 493 votos, todos favoráveis, inclusive de bolsonaristas

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Enquanto a votação acontecia no plenário da Câmara dos Deputados na noite da quarta-feira, 1, o sentimento de governistas e do Palácio do Planalto era de alívio. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e seus interlocutores já sabiam da aprovação total do projeto que guiará sua campanha à reeleição em 2026: a reforma do Imposto de Renda (IR) e a isenção para quem ganha até R\$ 5 mil por mês.

Para cancelar a aprovação após meses de negociações, a ministra da articulação política, Gleisi Hoffmann, acompanhou a votação in loco. Sentou-se na primeira fileira e seguiu para um bolo de governistas no plenário, de

onde acompanhou a vitória mais significativa do governo até aqui, por unanimidade, com apoio de bolsonaristas.

Foram dados 493 votos, o que representa a terceira maior votação de um projeto na Casa desde 1991, quando a Câmara passou a ter 505 parlamentares. Atualmente, são 513 cadeiras no plenário. Além da isenção para quem ganha até R\$ 5 mil a partir do ano-calendário 2026, a proposta cria alíquotas progressivas de cobrança para quem recebe até R\$ 7.350 por mês. O texto tributa super-ricos em 10% para aqueles que faturam até R\$ 1,2 milhão por ano, com alíquotas progressivas para os que arrecadam a partir de R\$ 600 mil

anuais. E há a previsão de tributação de lucros e dividendos em 10% para empresas que pagam mais de R\$ 50 mil mensais a uma mesma pessoa física.

Hoje, quem ganha até dois salários mínimos, ou R\$ 3.036, está isento do pagamento do IR. Com a ampliação da isenção, o governo aponta que 10 milhões de trabalhadores serão beneficiados, aumentando para 20 milhões o total de brasileiros livres do recolhimento.

Entre vídeos e selfies, deputados petistas não escondiam o sentimento de conforto pela aprovação. Até Lula foi às redes para comemorar e fez questão de agradecer nominalmente Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Casa, e Arthur Lira (Progressistas-AL), relator do projeto. “Essa é uma vitória compartilhada pelo governo do Brasil, pelas deputadas e pelos deputados e pelos movimentos sociais”, disse.

O projeto chegou em março à Câmara, mas demorou para sair do papel. Arthur Lira apresentou seu relatório à comissão especial apenas em julho. De lá para cá, ele segurou o texto enquanto aguardava o avanço da PEC da Blindagem, prometida aos bolsonaristas após o motim no plenário da Câmara em agosto, e barganhava o pagamento de emendas parlamentares atrasadas pelo Palácio do Planalto.

Nas últimas semanas, entretanto, a manobra do Senado para avançar um texto paralelo, a pressão do Planalto e a necessidade de reduzir os danos causados pela PEC da Blindagem obrigaram Lira a pautar o projeto. Horas antes de ser colocada em votação, havia a expectativa de trocas nas compensações previstas para emplacar a reforma do IR, o que não se concretizou. Lira costurou os acordos e poucas mudanças fez no texto original. Uma das poucas alterações prevê o repasse trimestral para estados e municípios com perda na arrecadação. Agora, o texto segue para o Senado. O governo mantém a expectativa de a matéria ser votada nas próximas semanas, com chances de aprovação unânime. **E**

O telhado da anistia

O relator da PL, Paulinho da Força, recorre a caciques políticos em busca de consenso para o projeto, mas resistência da oposição e impasse com Senado travam avanços

João Vitor Revedilho, de Brasília

Há cerca de duas semanas, o deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade-SP) deixou de lado seu gabinete no segundo andar de um dos anexos da Câmara dos Deputados e percorre quilômetros por dia para tentar moldar um novo texto para o PL da Anistia. Esteve com líderes partidários da esquerda e da direita, com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e até com Valdemar Costa Neto, presidente do PL, mas todos os encontros tiveram uma coisa em comum: sem consenso sobre o texto final do projeto de lei. Paulinho já bateu o martelo e garantiu que focará na redução de penas para os condenados do 8 de janeiro e deu indicativos que batalhará para diminuir a pena do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), condenado a 27 anos e três meses de prisão por participação na trama golpista. Por outro lado, bolsonaristas ainda querem emplacar a anistia “ampla e irrestrita” a todo custo, embora já admitam que será difícil demover o relator da decisão.

A falta de consenso sobre o esboço do projeto ficou clara nas conversas com as lideranças partidárias, o que travou o avanço do texto na Câmara. Bolsonaristas e petistas não concedem espaços para negociação, impedindo a formação de maioria na Casa Baixa.

Em paralelo a isso, a relação entre a Câmara e o Senado após a derrubada da PEC da Blindagem – influenciada pelas manifestações que tomaram o país – ficou estremecida. Deputados ficaram irritados com a quebra do acordo do presidente do Congresso Nacional, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e afirmam que só devem pautar o projeto se houver acordo com os senadores. Um encontro entre Alcolumbre e o re-

lator deve ser intermediado pelo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), nos próximos dias.

O relator e seus intermediários receberam um sinal verde para o avanço das discussões sobre o PL sem a interferência da Corte. Alcolumbre ainda teria tido o aval do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no texto que altera a dosimetria das condenações, desde que Bolsonaro fique de fora da lista de beneficiados.

Nem assim há um acordo costurado. O próprio Centrão, que defende apenas a alteração das penas, não mergulhou de cabeça no projeto. Paulinho sentou-se à mesa com a bancada do PSD, que

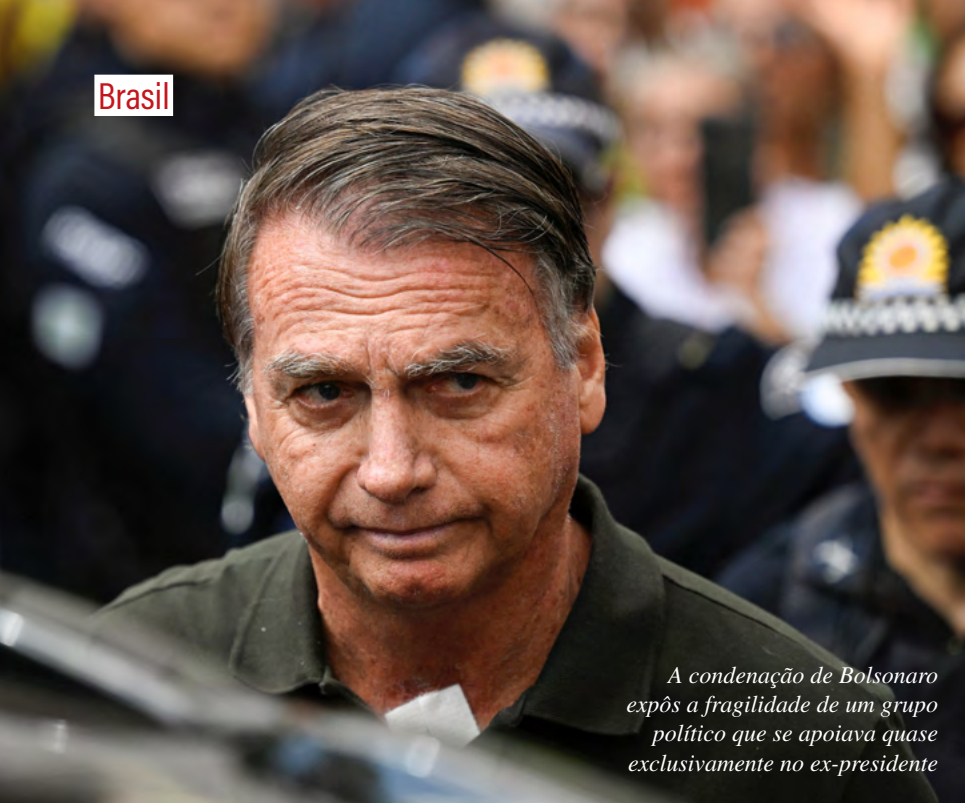
não se convenceu totalmente sobre os dispositivos do texto. Embora tenda a apoiar a proposta, o partido só deverá avançar no acordo após a consolidação do relatório.

Enquanto não há consenso sobre a matéria entre os defensores do projeto, petistas e líderes de partidos do Centrão avaliam que a anistia subiu no telhado, como se fala no jargão popular. Para eles, o texto enfraqueceu em meio ao cabo de guerra entre os partidos. Seu caminho pende para o enterro.

Para evitar esse destino e agradar gregos e troianos, o relator tenta juntar suas peças para investir nos caciques dos partidos. Paulinho quer um encontro com José Dirceu. O deputado quer um aval do líder petista para validar o texto e articular ao menos a redução da resistência entre os deputados do partido. Mesmo sem um acordo consolidado, um aliado de primeira ordem do relator disse já ter um esboço previsto para o texto. O relatório deve ser curto, com apenas quatro páginas, com chances de soltar parte dos presos condenados pelo 8 de janeiro. A sugestão é que a pena de Bolsonaro seja reduzida para ficar entre 15 e 20 anos de prisão, mantendo a inelegibilidade do ex-presidente. **E**



Paulinho da Força está há dias em encontros com líderes da esquerda e da direita para tentar moldar novo texto para o PL



A condenação de Bolsonaro expôs a fragilidade de um grupo político que se apoiava quase exclusivamente no ex-presidente

MATEUS BONOMI/REUTERS

Direita tenta se unir sob rachas internos

Disputas entre bolsonaristas radicais e moderados dificultam articulação da oposição rumo a 2026

Leonardo Rodrigues

O grupo político de Jair Bolsonaro (PL) vive uma fratura exposta desde a condenação do ex-mandatário a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de Estado. A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) reduziu ainda mais as já remotas chances do ex-presidente – declarado inelegível até 2030 – de recuperar seus direitos políticos a tempo de disputar as eleições de 2026. A sentença abriu de vez a concorrência para liderar a chapa de oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que deve buscar a reeleição. A condenação expôs de forma definitiva a fragilidade de um campo político que, desde 2018, se apoiava quase exclusivamente em Bolsonaro. Sem ele na disputa, a direita se vê diante de um

impasse. Falta um nome natural para herdar a liderança e as divergências entre radicais e moderados ameaçam corroer ainda mais a coesão do grupo. Essa dificuldade de organização não é inédita. A história recente mostra que, em outros momentos, partidos que não conseguiram superar divisões internas acabaram fragilizados.

Foi o que ocorreu com o PSDB quando ainda representava a principal força de oposição ao PT. A disputa entre José Serra e Geraldo Alckmin em 2006, o embate entre Serra e Aécio Neves em 2010 e a candidatura de Aécio em 2014 foram marcados por disputas intensas que ajudaram a corroer o partido. O professor Daniel Pinheiro, do departamento de administração pública

da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), observa que, no ciclo político pós-1988, a tendência é de enfraquecimento das forças que, mesmo com potencial eleitoral, não se estruturaram de forma consistente.

Agora, com Lula novamente no Planalto, o dilema da oposição é claro: insistir na radicalização que deu origem ao bolsonarismo ou buscar uma coalizão mais ampla. O campo mais extremado defende que a família Bolsonaro mantenha a dianteira em 2026, com Eduardo Bolsonaro como nome viável na ausência do pai. Atuando nos Estados Unidos e cercado por aliados ideológicos como o jornalista Paulo Figueiredo Filho, o deputado se apresenta como guardião da linha dura, refratária a composições com partidos de centro. O posicionamento lembra o pleito de 2018, quando Jair Bolsonaro venceu pelo PSL, com discurso inflexível – e recursos escassos.

Nesse meio tempo, a defesa do PL da Anistia que previa concessões amplas aos condenados pelos atos golpistas, tinha ganhado forças. Mas o projeto, que mobilizou por dias a base bolsonarista, caminha agora para o esquecimento, após a resposta da população, que foi às ruas protestar contra o PL e contra a PEC da Blindagem, que acabou derrubada. De todo modo, o bolsonarismo demonstra suas fraturas. Flávio Bolsonaro, mais afeito ao diálogo com forças políticas que vão além da direita radical, resiste ao protagonismo do irmão Eduardo e tem feito críticas reservadas ao estilo do filho 03. Outros líderes,



JESSICA KOSCIELNAK/REUTERS

Eduardo Bolsonaro se apresenta como guardião da linha dura, refratária a composições com partidos de centro



Tarcísio buscou se aproximar da base mais fiel do ex-presidente ao articular a anistia, mas isso não foi suficiente

RAUL LUCIANO/ESTADÃO CONTEÚDO

Três fatores que desanimam Tarcísio em 2026

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), tem reiterado a aliados que não pretende disputar a presidência em 2026. O recuo ocorre após seu nome ter ganhado força como possível herdeiro do espólio político de Jair Bolsonaro, mas a movimentação encontrou obstáculos que revelam o peso de três fatores principais.

O primeiro é a resistência dentro do próprio bolsonarismo. Tarcísio buscou se aproximar da base mais fiel do ex-presidente ao articular uma anistia e criticar o ministro Alexandre de Moraes, do STF, mas isso não foi suficiente. Setores radicais não o perdoam por ter ocupado cargos em governos petistas (no caso, na administração Dilma Rousseff) e cobram adesão integral à ofensiva contra o judiciário. A percepção é de que ele não entregaria a tutela que a família Bolsonaro espera. Como observou a professora Monalisa Torres, qualquer candidato da direita em 2026 terá de combinar moderação para atrair o centro e radicalização para manter o apoio bolsonarista. Essa equação ainda não foi alcançada por Tarcísio.

O segundo fator é a dificuldade em converter o apoio do Centrão em viabilidade política. Em Brasília, sua candidatura chegou a ser celebrada por lideranças partidárias que o viam como alternativa de união. Mas a derrota da PEC da Blindagem, após protestos

massivos que enterraram a proposta no Senado, deixou em xeque a força de articulação desse bloco e reduziu o ímpeto em torno de seu nome. Além disso, a anistia defendida por Tarcísio perdeu força.

O terceiro fator é a reação do governo Lula. O presidente soube explorar o contexto internacional, transformando em narrativa política a defesa da soberania nacional diante das tarifas impostas por Donald Trump contra o Brasil. O episódio reposicionou Lula em um terreno além da esquerda, roubando espaço de Tarcísio, que já vestiu um boné com o nome do movimento de Trump (MAGA). A reação do presidente frente ao tarifaço reforçou sua popularidade em um momento em que a oposição buscava se reorganizar.

Somados, esses elementos enfraquecem a perspectiva de Tarcísio para 2026. Como pondera o cientista político Yuri Sanches, diretor de análise política da AtlasIntel, uma candidatura de direita que fique desvinculada do bolsonarismo enfrentará grandes dificuldades de deslanchar. "As chances de um caminho alternativo ser construído até 2026 são baixas". A prudência de Tarcísio, portanto, não é apenas escolha pessoal, mas reflexo de um cenário adverso, no qual o bolsonarismo dividido e a recuperação de Lula dificultam a construção de sua viabilidade nacional.

como Valdemar Costa Neto, presidente do PL, e o senador Ciro Nogueira (PP-Pi), avaliam que insistir em candidaturas da ala mais radical apenas limitará o alcance eleitoral da oposição e pode transformá-la em coadjuvante da disputa presidencial de 2026.

Para eles, somente um nome com capacidade de transitar entre diferentes grupos, como o do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), poderia reverter o isolamento.

Tarcísio é visto como um candidato competitivo, capaz de atrair partidos de centro e setores do empresariado. Mas hoje fala em disputar a reeleição estadual, e não a presidência. Sua postura prolonga a indefinição e aumenta a tensão entre os grupos, já que a busca por um nome de consenso se mostra cada vez mais difícil.

Enquanto isso, prevalece a cautela para não romper com Bolsonaro. Mesmo inegável, ele segue como ativo eleitoral determinante. Sua capacidade de transferir votos ainda é considerada essencial para que a direita mantenha bancadas robustas no Congresso. Qualquer candidatura em 2026 terá de equilibrar dois elementos: apresentar moderação suficiente para atrair o eleitorado de centro e, ao mesmo tempo, preservar componentes que garantam o apoio dos bolsonaristas mais fiéis. Monalisa Torres, professora de teoria política da UECE (Universidade Estadual do Ceará), sintetiza o desafio ao afirmar que o candidato precisará exibir verniz moderado, mas sem abrir mão de elementos capazes de assegurar a bênção de Bolsonaro.

O risco é que a divisão familiar e política comprometa o projeto coletivo. Pinheiro avalia que, se a família Bolsonaro se unir em torno de um discurso, há chances de fortalecimento do movimento; se não, a fragmentação pode repetir a trajetória de outros partidos que perderam relevância por não superar disputas internas.

Assim, a direita caminha para 2026 sem clareza sobre qual estratégia adotar: a radicalização ou a tentativa de composição. Se não encontrar uma fórmula para superar as divergências, ela poderá chegar às urnas enfraquecida, já que neste momento está ocupada em resolver suas disputas internas. **E**

Menos holofotes sobre o Supremo

Novo presidente do STF, Edson Fachin deve conferir uma atuação mais discreta à Corte e dar mais foco a pautas sociais e trabalhistas

João Vitor Revedilho, de Brasília

Em dez anos no Supremo Tribunal Federal (STF), nunca se viu um sorriso tão largo do ministro Luiz Edson Fachin como na segunda-feira, 29. Ao entrar no plenário, aplaudido por centenas de convidados, ele não escondia a alegria na cerimônia de sua posse na presidência da Corte. Indicado pela ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2015, o gaúcho da região de Passo Fundo se imbuíu da missão de tirar o STF dos holofotes após cerca de cinco anos com forte protagonismo na cena política. No comando do STF até 2027, Fachin deverá imprimir sua identidade, mantendo discrição em ações e evitando conflitos com os demais poderes.

No seu primeiro discurso, o ministro deixou claro que não irá interferir no mundo político. “Nosso compromisso é com a Constituição. Ao direito, o que é do direito. À política, o que é da política”, disse.

Ministros, juristas e ex-ministros do STF avaliam que Fachin à presidência em bom momento. Passada a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) a 27 anos e três meses de prisão por participação na trama golpista, eles acreditam que é hora de colocar o pé no freio e evitar embates com os poderes executivo e legislativo.

“O ministro Edson sempre foi um homem discreto, avesso a festas, manifestações públicas. É bom que (o STF) saia da vitrine, como todo tribunal não deve ficar evidente. É um nome que pode reduzir a temperatura entre os poderes”, avalia Carlos Velloso, ex-ministro do Supremo e presidente da Corte entre 1999 e 2001.

A presidência de Fachin deve ficar marcada pela tecnicidade e melhorias no judiciário, nos mesmos moldes da também discreta Ellen Grace, que co-



Em seu discurso de posse, Edson Fachin indicou que não irá interferir no mundo político

mandou a Corte entre 2006 e 2008, como pontua o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay.

Por outro lado, Fachin não deve fugir de temas polêmicos. Ele tende a concentrar seus esforços em pautas sociais, que podem despertar manifestações e reações, o que teria potencial de atrair, de novo, as luzes para o STF. Na primeira sessão sob seu comando, Fachin abriu o julgamento que trata do vínculo trabalhista entre motoristas e empresas de transporte por aplicativo. Apenas os advogados apresentaram suas sustentações, sem data para a votação do mérito no plenário.

Acredita-se que ele resgatará a ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) das Favelas, que defende a regulamentação de operações policiais para reduzir a letalidade e o abuso de autoridade, e processos que tratam da demarcação de terras indígenas, como o Marco Temporal.

Essas pautas podem entrar em rota de colisão com o Congresso Nacional. No caso de Marco Temporal, o legislativo promulgou o projeto em janeiro de 2024, defendendo a manutenção das demarcações de terras indígenas previstas pela Constituição de 1988, sem atualização. Já membros do STF e o governo federal querem uma atualização nas demarcações.

Ingo Wolfgang, professor da PUC-RS e um dos juristas mais citados em decisões do STF, avalia que essas pautas podem acirrar o tensionamento entre os poderes a medida em que se aproximam as eleições de 2026. “Levando em conta que 2026 será um ano eleitoral, é de se esperar um acirramento dos ânimos e possivelmente também dos níveis de polarização. A sensibilidade dos temas levados ao crivo do STF não tende a diminuir e seja qual for a decisão sempre haverá insatisfeitos”, observa. **E**

Verba pública em troca de engajamento

Deputado estadual de São Paulo usa enquete nas redes para destinar R\$ 400 mil, mas exige que eleitores sigam perfis, gerando debate sobre os limites entre participação e promoção pessoal

Marina Miano

Uma iniciativa que, à primeira vista, celebra a democracia digital e a participação popular na alocação de R\$ 400 mil em verbas públicas traz uma condição controversa que acende o debate sobre os limites da atuação parlamentar nas redes sociais. Em São Paulo, o deputado estadual Maurici (PT) condicionou o direito de escolher para onde dirigir verba para escolas na cidade à obrigação de o público seguir seu perfil e o de outros dois políticos de seu partido.

A proposta foi lançada no dia 18 de setembro, quando o gabinete do deputado publicou no Instagram um convite à ação: “Votação aberta! Chegou a ho-

ra de você decidir o destino de R\$ 400 mil”. A verba, oriunda de emendas parlamentares, seria destinada a escolas estaduais, ETECs ou institutos federais que recebessem mais votos até o dia 1º de outubro. Contudo, para que o voto via Instagram fosse validado, o cidadão precisaria cumprir uma exigência específica: seguir os perfis do próprio deputado, do presidente do diretório estadual do PT de São Paulo, o deputado federal Kiko Celeguim, e do vereador paulistano Hélio Rodrigues, também do PT. A mecânica estimulava ainda o engajamento, com a dica de que cada pessoa poderia votar duas vezes, uma pela rede social e outra via WhatsApp.

A estratégia de atrelar a decisão sobre recursos públicos ao crescimento de uma base de seguidores gerou estranhamento. Para Kaleo Dornaika Guaraty, coordenador da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep), a prática de consultar a população sobre o destino de emendas é, em si, positiva, por ampliar a transparência. O problema, segundo ele, reside na contrapartida.

“O deputado está usando um instrumento legítimo do mandato para gerar engajamento em redes sociais. Isso pode caracterizar um desvio de finalidade do cargo”, pontua Guaraty. A consequência, em caso de condenação, poderia ser a cassação do mandato e a inelegibilidade por oito anos.

A visão é compartilhada pelo advogado Bruno Rangel Avelino, também membro da Abradep, que vê indícios de violação ao princípio da impessoalidade, previsto no artigo 37 da Constituição. A lei proíbe que a publicidade de atos públicos contenha nomes ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades.

“Podemos olhar para trás e observar se as publicações tiveram a intenção de converter seguidores em eleitores”, afirma Avelino, indicando que a prática pode configurar um ilícito administrativo.

Do ponto de vista da estratégia de comunicação, Fabio Andrade, professor da ESPM e doutor em Administração Pública, classifica a condição como uma “tentativa de engajamento forçado” que, no longo prazo, pode afastar o público em vez de aproximá-lo.

Procurado pela reportagem da IstoÉ, o deputado Maurici defendeu a legalidade do processo, que batizou de “Edital de Emendas Populares”, afirmando que a iniciativa foi inspirada no Orçamento Participativo. Segundo o parlamentar, a exigência de seguir os perfis foi uma medida “técnica” para “criar uma barreira contra o uso de robôs na votação, inibindo fraudes”. Ele ressaltou que o cidadão poderia deixar de seguir as páginas logo após o voto, “sem qualquer tipo de prejuízo”. Maurici informou ainda que a comunicação é feita pela equipe do gabinete, sem impulsionamento pago, e que o resultado final da votação ainda não foi divulgado. **E**



Deputado Maurici (PT): exigência de seguir perfis foi uma medida para evitar robôs



Um dos pontos que chama atenção é a falta de uma fiscalização eficiente da venda e distribuição de bebidas

Veneno no copo

Mortes e internações de pessoas intoxicadas por bebidas alcoólicas contaminadas por metanol assustam a população e colocam governos, profissionais de saúde, associações e estabelecimentos em estado de alerta. Afinal, o quanto é seguro consumir um drinque hoje no Brasil?

Os primeiros casos tornados públicos provocaram estranhamento, mas não se calculava o tamanho da crise que iria se instalar primeiro em São Paulo e depois no Brasil. A Secretaria de Estado da Saúde tinha reportado na semana passada a morte de duas pessoas por consumo de bebida alcoólica adulterada com metanol. A palavra “metanol”, que não estava no vocabulário cotidiano da população, começou a chamar atenção. O que isso significava? Havia sido um acidente? Não eram ocorrências isoladas, se descobriria depois. As histórias foram desvendadas aos poucos e o rit-

mo e a maneira como o problema foi comunicado à população começaram a causar indignação.

Naquele primeiro momento, foi revelado que o Centro de Vigilância Sanitária do Estado tinha registrado seis casos de intoxicação por metanol, relatados desde junho. Dois deles resultaram em morte, um na capital paulista e outro em São Bernardo do Campo. Posteriormente, novos casos foram anunciados, com informações sobre pessoas internadas, com quadros graves e sequelas como cegueira.

Como as contaminações ocorrem? Não se tinha a resposta exata. Que

bebidas foram consumidas? Onde? A semana se iniciava e a população estava no escuro. E, de fato, os brasileiros ainda não têm a dimensão do problema, com novos casos de pessoas internadas e de mortes suspeitas sendo reportados dia a dia. O principal foco das investigações está nas bebidas destiladas, como vodka, uísque e gin.

Na quinta-feira, 2, o Ministério da Saúde — que montou uma espécie de comitê de crise, na terça-feira, 30, mesmo dia em que o governo de São Paulo organizou o seu grupo de trabalho — atualizou o cenário: são 59 casos notificados entre suspeitos ou confirmados

no Brasil. Dessas registros, 53 ocorreram no estado de São Paulo. Em Pernambuco foram registrados 5 casos e há 1 caso em Brasília em investigação.

Quanto às mortes, uma foi confirmada em laboratório, em São Paulo. Sete ainda estão em análise para confirmação da contaminação por metanol: duas em Pernambuco, três na capital paulista e duas em São Bernardo do Campo. O balanço foi apresentado pelo ministro Alexandre Padilha na Sala de Situação, instalada pelo governo federal para monitorar os casos e coordenar as ações de resposta à crise.

Entre os casos de pessoas que sofreram os efeitos da intoxicação é o de Diogo Marques de Sousa, 23 anos. No início de setembro, ele ficou internado por três dias no Hospital do Grajaú, na zona sul de São Paulo, com cegueira temporária. Diogo, que se recuperou, estava com um grupo de amigos, todos com menos de 320 anos, que consumiram garrafas de gin adquiridas em um pacote promocional de uma adega também na zona sul. Um dos amigos está em coma em um hospital em Osasco. A polícia apreendeu 16 garrafas no total, duas na casa de uma das vítimas e 14 no estabelecimento.

Notificações

Desde a terça-feira, as notificações começaram a ser reportadas nos Cievs (Centro Nacional de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde) dos estados. “O ministério acompanha esse trabalho diariamente”, disse Padilha. Assim, é possível compor um quadro nacional dos casos de intoxicação.

Um dos pontos que chama atenção nesse quadro que desperta um crescente medo coletivo é a falta de uma fiscalização eficiente da venda e distribuição de bebidas. A Federação de Hotéis, Restaurantes e Bares do Estado de São Paulo (Fhoresp) apontou, em comunicado, que o problema não é novo. Em abril, o Núcleo de Pesquisas e Estatísticas da entidade indicou que 36% das bebidas comercializadas no Brasil eram forjadas, adulteradas ou contrabandeadas. O estudo apontou que vinhos e destilados estão entre os mais afetados. De acordo com a federação, 1 em cada 5 garrafas de vodka vendidas no Brasil é falsificada. “O que antes representava apenas sonegação fiscal, hoje se tornou uma grave ameaça à saúde da população”, diz a nota.

O diretor-executivo da Fhoresp, Edson Pinto, partiu em defesa dos es-

tabelecimentos, afirmando que a grande maioria dos negócios do ramo age de forma correta e se torna vítima ao receber produtos adulterados de fornecedores. “De outro lado, há quem compactue com ilegalidades”, observou. De todo modo, os bares estão publicando mensagens em seus perfis nas redes para avisar que eles fazem compras seguras de bebidas. E há também treinos e webinars montados às pressas para preparar as equipes internas a servir a clientela com mais cuidado.

Quanto à fiscalização, Enio Miranda, diretor de planejamento estratégico e governança da Fhoresp, contou que as representantes do setor cobraram do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) uma “força-tarefa permanente”. Em reunião com o governo estadual, eles manifestaram o temor de que a crise “prejudique quem trabalha corretamente” em uma “caça às bruxas”, segundo Miranda. Comerciantes relataram para a reportagem casos de clientes evitando o consumo de destilados e manifestaram receio quanto à possibilidade de queda no faturamento, especialmente aos finais de semana.

A proliferação de bebidas adulteradas ou produzidas de forma irregular foi reconhecida pelo governador. “Há de fato um problema estrutural que não é só do estado de São Paulo, é do Brasil. Temos de pensar em como fazer a fiscalização e diminuir a incidência dessas bebidas adulteradas, clandestinas”, declarou Tarcísio na terça-feira, quando comunicou as medidas que o governo passaram a adotar.

Interdições

No dia seguinte, quatro estabelecimentos foram fechados por suspeita de comercialização de bebidas alcoólicas adulteradas, de acordo com o gabinete de crise do governo estadual. Distribuidoras de bebidas também entraram na mira – uma teve a inscrição estadual suspensa preventivamente.

Os estabelecimentos interditados são Ministrão Bar (Jardins), Torres Bar ou “Bar do Chiquinho” (Mooca), Beco do Espeto (Itaim Bibi) e Villa Jardim, este em São Bernardo do Campo. A fiscalização foi feita reunindo equipes das secretarias de Saúde, Segurança Pública, Fazenda e Justiça. As medidas



Fiscalização estadual uniu secretarias da Saúde, Segurança Pública, Fazenda e Justiça

MARCELO D. SANTISTEADÃO/CONTEÚDO



Padilha orienta população a evitar bebidas destiladas, por enquanto

JOSE CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

são cautelares. Os bares alegam que compram produtos de distribuidores de confiança. Eles se colocaram à disposição da investigação.

A Polícia Federal também entrou em cena e instaurou inquérito para apurar os casos de intoxicação. “No momento, as ocorrências estão concentradas em São Paulo, mas tudo indica que há uma distribuição para além do estado”, afirmou o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski.

No dia em que os esforços federais foram anunciados Alexandre Padilha classificou o cenário como “anormal” e recomendou que a população evite bebidas destiladas até a regularização da situação. Mas se, ainda assim, alguém quiser consumi-las, recomenda-se atenção absoluta às embalagens. Se houver sinais de violações ou se a bebida está com preço muito abaixo da média, a regra é desconfiar.

A medida é fundamental. O gerente médico do pronto atendimento do Hospital Sírio-Libanês, Luis Penna, acredita que a situação pode virar uma calamidade pública. “Não sabemos o que está sendo adulterado, como foi adulterado e o quanto isso se disseminou para os bares”. Segundo o médico, não há informação suficiente para definir a origem do problema e como combatê-lo. Quanto ao tratamento, é administrado, em ambiente hospitalar, um antídoto específico (etanol farmacêutico).

Crime hediondo

Na esteira da crise, a Câmara dos Deputados aprovou na quinta-feira, 2, a tramitação em urgência de um projeto do lei, o PL 2307, que torna a falsificação de bebidas um crime hediondo.

O PL prevê que a adulteração de qualquer alimento ou bebida seja enquadrada na lei dos crimes hediondos, ao lado de delitos como latrocínio, tortura e terrorismo. Nesses casos, são excluídas as possibilidades de pagamento de fiança e concessão de indulto ou anistia a seus autores.

O texto do então deputado Otavio Leite (PSDB-RJ) foi apresentado em 2007. Na época, a Polícia Federal prendeu 27 pessoas por envolvimento em um esquema de adulteração de leite com soda cáustica e água oxigenada em Minas Gerais. Segundo o parlamentar, os responsáveis e fabricantes foram rapidamente liberados.

Ação do PCC?

Uma suspeita que surgiu – e se espalhou pelas redes e pelo WhatsApp – é o possível envolvimento do PCC nos casos. Tarcisio afirmou que não existem evidências de que haja qualquer envolvimento do grupo criminoso.

“As investigações em aberto estão chegando a pessoas que estão trabalhando com a adulteração em destilarias clandestinas. São pessoas que não têm relação com o crime organizado, são pessoas que fraudam bebidas rotineiramente”, pontuou.

Há muito a ser investigado nos próximos dias e os casos podem descortinar um cenário ainda mais complexo. Problemas de intoxicação com bebidas contaminadas com metanol foram reportados também fora do Brasil, em países como Laos e Vietnã. Como isso se explica? As autoridades sanitárias e de fiscalização devem dar respostas. **E**

Com reportagem de Leonardo Rodrigues, Luma Venâncio e Marina Miano

Posso beber? Orientações para um consumo seguro

O Ministério da Saúde e o Procon-SP listam cuidados essenciais para evitar riscos.

Prevenção

Se a decisão é beber, mantenha-se hidratado (com água) e bem alimentado, pois isso combate os exageros cometidos com produtos seguros – e pode ajudar a reduzir efeitos de uma possível contaminação. Mas ninguém quer consumir bebidas adulteradas. Por isso:

- Verifique se o lacre da garrafa está intacto.
- Desconfie de rótulos desalinhados, desgastados, com erros de ortografia ou logos diferentes da marca original. A ausência de informações como endereço do fabricante, CNPJ e número de lote é mau sinal.
- Suspeite de valores muito abaixo do mercado. Isso pode indicar sonegação ou, pior, adulteração do produto.

Sinais de alerta

A intoxicação por bebidas contaminadas com metanol pode se manifestar entre 12h e 24h após o consumo, com sintomas que se confundem com os de uma ressaca:

- Dor abdominal
- Visão alterada
- Confusão mental
- Náusea

O que fazer

Se apresentar esses sintomas, procure imediatamente um serviço de emergência. Informe à equipe médica que tipo de bebida consumiu, quando e em qual contexto (festa, bar, etc.). Existe tratamento com antídoto específico (etanol farmacêutico), administrado em ambiente hospitalar. A notificação do caso aos Centros de Informação Toxicológica (CIATox) é obrigatória para os profissionais de saúde.

Queda no desemprego muda ocupações

Redução no número de empregados domésticos, apontada pelo IBGE, reflete migração para vagas formais, em meio à criação de 1,4 milhão de postos de trabalho em 12 meses

Matheus Almeida

O mercado de trabalho brasileiro atingiu em agosto um marco histórico: a taxa de desemprego chegou a 5,6%, o menor índice já registrado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE. A melhora dos indicadores, divulgados nesta semana, tem reflexos diretos na qualidade das ocupações e no perfil da força de trabalho. Entre eles, chama a atenção a redução no contingente de empregados domésticos, sobretudo os que não têm carteira assinada.

Entre junho e agosto de 2025, o número de trabalhadores domésticos caiu 3,3% em relação ao trimestre anterior, o que significa a saída de 145 mil pessoas dessa atividade. O total passou de 4,345 milhões para 4,200 milhões, configurando-se como o único tipo de ocupação a registrar queda no período. A redução, segundo o economista William Kratochwill, do IBGE, está diretamente relacionada à melhora do mercado como um todo. Com mais vagas formais disponíveis, a tendência é que parte dos trabalhadores domésticos migre para outros setores com maior estabilidade, direitos garantidos e melhores perspectivas de renda.

Os números deste trimestre ficam atrás apenas dos registrados durante os anos de 2020 e 2021, período da pandemia da covid-19. Mudanças geradas pelo isolamento social geraram alterações de hábitos que perduram até

hoje. “Há mais pessoas trabalhando de maneira remota ou híbrida, o que faz com que elas estejam mais em casa e façam algumas atividades domésticas, não necessitando a contratação de domésticos”, analisa Bruno Imaizumi, da consultoria 4intelligence.

Professor de finanças do Ibmecc, o economista Gilberto Braga destaca que houve mudanças culturais mais amplas, anteriores a pandemia, que também alteraram o setor de trabalho doméstico. Ele cita “famílias menores, sem a necessidade de serviços domésticos, e novas gerações que são autossuficientes”.

De acordo com o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), divulgado pelo Ministério do

Trabalho e Emprego e que acompanha o cenário de empregados com carteira assinada, o mês de agosto fechou com saldo positivo de 147.358 vagas formais. Em 12 meses, foram criados 1,4 milhão de postos com carteira assinada. O número indica a força da recuperação do emprego formal e ajuda a explicar a diminuição na dependência do trabalho doméstico.

Esse fenômeno tem um viés social importante. O trabalho doméstico, historicamente associado à informalidade, tem perdido espaço à medida que a economia oferece alternativas mais seguras e com melhor remuneração. A queda no número desses empregados aponta para a mobilidade dos trabalhadores que antes viam na atividade a única alternativa disponível.

“Em momentos mais difíceis da economia, as pessoas migram para os serviços domésticos. O que podemos estar presenciando é o movimento contrário, em que as pessoas identificam melhores oportunidades de trabalho, com melhores condições e rendimentos”, avalia Kratochwill.

Em perspectiva histórica, os números reforçam uma mudança gradual: o Brasil, que conviveu por décadas com altas taxas de informalidade, parece avançar para um padrão mais estável, em que o emprego formal ganha espaço. A queda do desemprego e a redução do contingente de domésticos informais sugerem que o mercado de trabalho começa a se reorganizar de maneira mais sólida. **E**



Com mais vagas formais, a tendência é que parte dos trabalhadores domésticos migre para setores com mais estabilidade

O desafio bilionário dos Correios

Economista com experiência no mercado financeiro assume a presidência da estatal com a missão de reverter um prejuízo de R\$ 4,37 bilhões



Emmanuel Schmidt Rondon, novo presidente dos Correios, enfrenta o desafio de buscar novas receitas para a estatal

SHIZUO ALVES/ICOM

No discurso de posse, Rondon adotou um tom conciliador, mas firme, convocando os 83 mil funcionários a uma força-tarefa de recuperação. “Quem ama, cuida; e é esse amor incondicional pela empresa e a determinação em trabalhar em conjunto que vai restaurar o orgulho e a eficiência dos Correios, que desempenham um papel fundamental no Brasil”, afirmou. A retórica, no entanto, terá de ser rapidamente convertida em ações práticas para reverter a trajetória de queda.

A crise financeira é atribuída pela própria empresa a “fatores conjunturais externos”, uma referência velada à queda no volume de encomendas internacionais após a implementação de novas regras de taxação para compras importadas – ou taxa das blusinhas, como ficou conhecida. Contudo, a análise dos balanços revela um quadro mais complexo, com um salto nas despesas gerais, administrativas e financeiras, que sufocam a operação.

Para a ministra da Gestão e Inovação, Esther Dweck, a solução passa por uma fórmula dupla: corte de custos e busca por novas receitas. Uma das propostas é a criação de um marketplace próprio. O plano é posicionar a estatal, com sua capilaridade logística inigualável, como uma concorrente direta de gigantes com atuação internacional como Mercado Livre, Shopee e Amazon.

Em entrevista para a IstoÉ em fevereiro, Fabiano Silva, então presidente dos Correios, informou que o projeto de marketplace teria um endereço digital completamente novo, inclusive com uma marca diferente.

Os produtos anunciados na plataforma, entre eles os de pequenas empresas, teriam entregas feitas exclusivamente pela estatal. Com isso, os Correios seriam remunerados com uma comissão nas vendas e também pelo serviço. A iniciativa representa uma aposta alta, mas é vista como uma importante chance de reescrever o futuro de uma das mais importantes instituições do País. **E**

Um economista com 25 anos de experiência no mercado financeiro assumiu a presidência dos Correios. Emmanuel Schmidt Rondon tomou posse na sexta-feira, 26, em um cenário crítico e desafiador. O movimento ocorre quase três meses após o antecessor, Fabiano Silva, pedir demissão depois de uma sequência de maus resultados registrados pela estatal. O balanço do primeiro semestre da empresa apontou prejuízo de R\$ 4,37 bilhões, um aumento de 222% em relação ao mesmo período do ano anterior. A cifra tornou a companhia a maior responsável pelo déficit acumulado das estatais brasileiras e expôs a dificuldade

em manter a operação diante de queda nas receitas e da escalada das despesas.

Rondon foi escolhido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva após atuar como gerente-executivo na diretoria de infraestrutura, suprimento e patrimônio do Banco do Brasil, onde era funcionário de carreira. É graduado pela Universidade Federal Fluminense e possui MBA em Administração de Empresas pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. A cadeira era cobiçada pelo Centrão, que já exerce influência no Ministério das Comunicações. Lula optou por um perfil técnico. A escolha reflete o tamanho do desafio que o novo comandante da estatal tem pela frente.

Depois da tempestade

Com a destruição da fábrica em Porto Feliz (SP), provocada por ventos de até 90 km por hora, Toyota interrompe a produção de 25 mil carros e adia o lançamento do Yaris Cross

Mauro Balhessa

A Toyota enfrenta no Brasil um de seus maiores desafios recentes. Uma tempestade com ventos de até 90 km/h destruiu na segunda-feira, 22, a fábrica de motores de Porto Feliz, no interior paulista, responsável pelo fornecimento dos propulsores 1.5 e 2.0 usados em toda a produção nacional. Parte do telhado foi arrancada e a água da chuva tomou a área, atingindo máquinas e equipamentos.

O estrago foi tamanho que a empresa estima deixar de produzir cerca de 25 mil carros no país até o fim de 2025. A previsão é de que a retomada

só ocorra em 2026, após a reconstrução completa da planta.

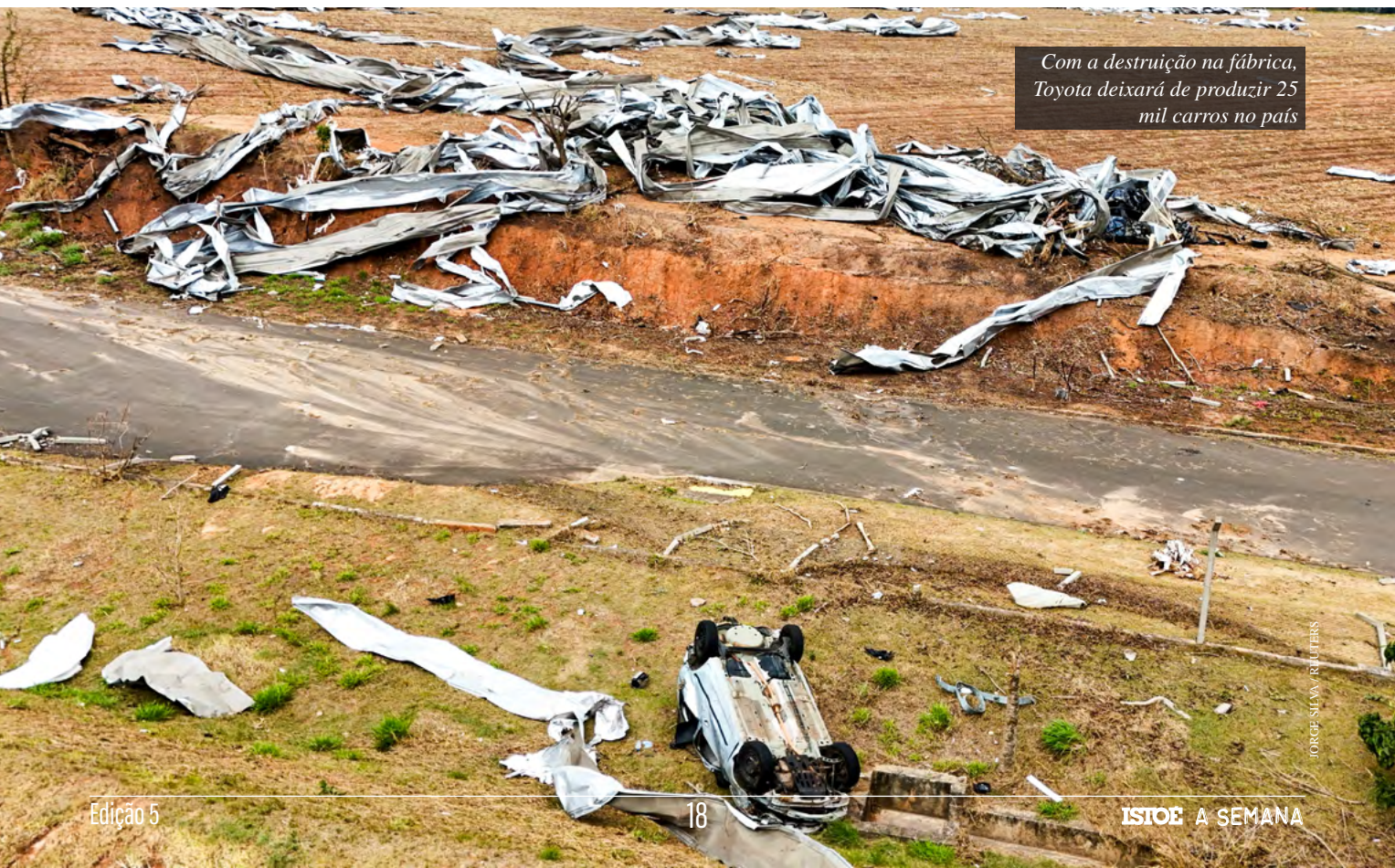
É um momento crítico para a montadora japonesa, instalada no país desde 1958. No acumulado do ano até agosto, de acordo com dados da Fenabrave (Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores), a Toyota emplacou 121.922 unidades no Brasil. É a quarta colocada no mercado. Em sua cola, com a marca visível no retrovisor, está a sul-coreana Hyundai, com 119.813.

A paralisação atinge duas linhas paulistas: a de Sorocaba, onde são fa-

bricados os modelos Corolla Cross, o Yaris para exportação e o aguardado Yaris Cross, e a Indaiatuba, dedicada ao Corolla sedã. Como a Toyota adota um modelo conhecido como lean factory – sem estoques de motores, produzindo apenas sob demanda –, o impacto foi imediato. Detectada a escala dos efeitos da destruição, as operações em todas as fábricas brasileiras foram suspensas. A montadora japonesa estuda importar motores para mitigar a crise, mas ainda não há solução concreta.

O Yaris Cross, que seria lançado oficialmente em 16 de outubro, teve

Com a destruição na fábrica, Toyota deixará de produzir 25 mil carros no país



JORGE SILVA / REUTERS



DIVULGAÇÃO

O Yaris Cross chegaria ao mercado neste mês, mas o lançamento teve de ser adiado. A data ainda não foi definida

sua chegada adiada. O lançamento, de acordo com a fabricante, será reprogramado, porém não há uma previsão de data. O modelo, apontado como o novo SUV de entrada da marca no país, é peça-chave do investimento de R\$ 11,5 bilhões anunciado em 2024.

Posicionado entre R\$ 130 mil e R\$ 190 mil, o carro terá como rivais diretos T-Cross (Volkswagen), Tracker (Chevrolet), HR-V (Honda), Kicks (Nissan) e Creta (Hyundai). Apesar do atraso, a pré-venda segue aberta em concessionárias, com sinal de R\$ 10 mil.

Os interessados devem dar um sinal de R\$ 10 mil para reservá-lo. Segundo lojistas, a expectativa é que o veículo se torne um dos mais vendidos da Toyota no Brasil, sobretudo após o fim da produção dos modelos hatch e sedã do Yaris.

Mas a prioridade é preservar empregos. A Toyota emprega cerca de sete mil pessoas nas três plantas paulistas e prometeu manter o quadro ativo durante a reconstrução. Em assembleia realizada no domingo, 28, trabalhadores de Sorocaba aprovaram por ampla maioria (96,28%) a proposta de layoff, alternativa prevista na legislação trabalhista para evitar a demissão em massa.

Articulado com o Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e Região, o acordo prevê estabilidade no emprego e pagamento integral do Programa de Participação nos Resultados (PPR). Um ponto central foi a garantia de que todos os funcionários com salários brutos de até R\$ 10 mil receberão 100% do pagamento líquido durante o período de suspensão.

O layoff começa após 20 dias de férias coletivas. Ou seja, desde o dia 1º de outubro. Em seguida, entra em vigor a suspensão temporária dos contratos, que poderá durar até 150 dias, com prorrogações mensais. “Mesmo diante das dificuldades, conseguimos assegurar conquistas importantes, como o pagamento integral do PPR e a estabilidade no emprego durante o período do layoff. Esse resultado mostra a confiança da categoria”, afirmou Leandro Soares, presidente do sindicato.

A situação em Indaiatuba e Porto Feliz é acompanhada de perto, mas a tendência é que acordos semelhantes sejam firmados. Para os sindicatos, o histórico de negociações durante a pandemia, quando medidas semelhantes foram adotadas, serve como referência para garantir direitos e preservar a renda das famílias.

O impacto econômico é significativo. Sem os motores de Porto Feliz, não há produção no Brasil nem margem de manobra para atender à demanda internacional, já que a unidade também exportava para outros países da América Latina e para os Estados Unidos. A ausência de estoque agrava o cenário: “A Toyota nunca trabalhou com reservas de propulsores. A filosofia lean factory elimina desperdícios, mas torna a empresa mais vulnerável em crises como esta”, explicou Soares.

Reconstruir a planta exigirá tempo e investimentos pesados. O Sindicato dos Metalúrgicos de Itu afirmou, em nota, que mais de 90% da estrutura foi comprometida, tornando necessária uma reconstrução praticamente integral. “A parte estrutural foi por demais abalada e provavelmente terá de ser refeita totalmente. A previsão é de retomada apenas em 2026”, destacou a entidade.

A tempestade que paralisou a Toyota é um episódio atípico, mas expõe fragilidades da indústria nacional diante de desastres naturais. Além do impacto direto na produção e nos trabalhadores, o episódio deixa concessionárias e consumidores em compasso de espera. 



*Trump culpa democratas
e promete agir contra
a agenda progressista*

NATHAN HOWARD/REUTERS

Impasse paralisante

Sem acordo sobre o ano fiscal, parte do governo parou: 750 mil servidores ficam sem salário e serviços não essenciais atrasam; o primeiro shutdown da gestão acirra o duelo entre Trump e o Congresso

Pela primeira vez em seu novo mandato, o presidente Donald Trump enfrenta o shutdown, ou paralisação, em português. Desde a meia-noite de quarta-feira, 1º, o governo dos Estados Unidos está oficialmente paralisado, após expirar o prazo para aprovação do financiamento do novo ano fiscal. Com isso, serviços federais não essenciais estão suspensos. E cerca de 750 mil funcionários públicos estão em um limbo, sem trabalho ou salário. O impasse, que já reverbera na economia, é o resultado de uma batalha intransigente entre o presidente republicano e os democratas no Congresso, com o futuro do sistema de saúde americano no centro do furacão.

Tecnicamente, o shutdown ocorre quando o Congresso não aprova o orçamento para financiar as operações do governo. Sem os fundos, agências federais são forçadas a fechar as portas. Na

prática, é um instrumento de coerção política. Desta vez, o ponto de discórdia é a exigência dos democratas de restituição de centenas de bilhões de dólares em gastos com saúde, especialmente no programa Obamacare. Os republicanos, por sua vez, propuseram uma prorrogação temporária do financiamento atual, o que foi rechaçado pela oposição. Como a aprovação de leis orçamentárias no Senado exige 60 votos – e os republicanos não têm esse número –, o apoio democrata é indispensável, criando o cenário para o confronto.

O desgaste político foi explicitado por Trump, que rapidamente transformou a crise orçamentária em uma ameaça direta. Em vez de buscar um acordo, o presidente culpou os democratas e prometeu usar a paralisação para infligir danos duradouros à agenda progressista. “Podemos fazer coisas

durante o fechamento que são irreversíveis, que são ruins para eles, como demitir uma grande quantidade de pessoas”, declarou o presidente, insinuando que os servidores afetados seriam majoritariamente eleitores do partido rival. A ameaça agrava a ansiedade no funcionalismo, já abalado por demissões anteriores.

As consequências da paralisia são imediatas e severas. O Escritório de Orçamento do Congresso (CBO) estima uma perda de renda de US\$ 400 milhões para os servidores afetados. O impacto macroeconômico também é preocupante: cada semana de shutdown pode reduzir o crescimento do PIB em 0,2 ponto percentual. O último grande fechamento, ocorrido entre 2018 e 2019 no primeiro mandato de Trump e que durou 35 dias, custou à economia US\$ 11 bilhões, segundo o CBO.

Enquanto democratas e republicanos trocam acusações, serviços como a emissão de passaportes, a manutenção de parques nacionais e a divulgação de dados econômicos cruciais são interrompidos. Embora áreas vitais como o exército e a previdência social continuem operando, a paralisação projeta uma imagem de disfuncionalidade no auge do poder global. Com as eleições legislativas de 2026 no horizonte, a aposta de ambos os lados é alta. Por enquanto, não há solução à vista, e a máquina pública americana segue como refém de uma guerra política que parece estar apenas começando. **E**



*Benjamin Netanyahu
sinalizou concordar
com o plano,
mas no Telegram
endureceu o tom*

JONATHAN ERNST / REUTERS

Em busca de um acordo

Plano de paz com 20 pontos é apresentado pelos Estados Unidos para colocar fim ao conflito em Gaza; o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aceita o cessar-fogo, mas rejeita Estado palestino

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, apresentou em Washington um plano de 20 pontos para encerrar o conflito em Gaza, que no dia 7 completa dois anos. O pacote prevê cessar-fogo imediato, libertação de todos os reféns israelenses e de prisioneiros palestinos, retirada gradual das tropas de Israel, entrada de ajuda humanitária e instalação de uma força internacional de estabilização. Também institui uma autoridade transitória composta por palestinos e supervisionada por um “Conselho da Paz” liderado pelo próprio Trump, com participação de aliados árabes e de figuras como Tony Blair. O projeto deixa aberta a possibilidade de um caminho futuro para a constituição do estado palestino.

Ao lado de Trump, Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, agradeceu o esforço norte-americano e afirmou que o plano coincide com os objetivos de seu governo, entre eles a libertação dos reféns, o desarmamento

de Hamas e seu afastamento dos quadros políticos e a garantia de que Gaza não represente ameaça a Israel.

Mas depois, em mensagem divulgada em seu canal no Telegram, o premiê endureceu o tom: declarou que Israel se opõe “firmemente” à criação de um estado palestino e que isso “não está escrito no acordo”. Reiterou que o Exército continuará presente na maior parte da Faixa de Gaza, mantendo controle sobre a segurança do enclave.

As contradições revelam o dilema político de Netanyahu. Ao mesmo tempo em que adere ao plano norte-americano, precisa responder à sua base interna, especialmente aos ministros de linha-dura.

O ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, chamou a proposta de “fracasso diplomático estrondoso” e acusou Trump de ressuscitar o “espírito de Oslo”, em referência ao acordo de 1993 que nunca se consolidou. Esse discurso reforça a resistência de parte da coalizão

israelense a qualquer concessão que envolva autonomia palestina.

Enquanto líderes discutem no alto escalão, Gaza segue em colapso. Desde o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, que matou mais de 1,2 mil pessoas em Israel, a ofensiva militar deixou mais de 66 mil mortos palestinos, segundo autoridades locais cujos números são considerados confiáveis pela ONU. Com as destruições e ruínas espalhadas por todos os lados, com os deslocamentos em massa e as denúncias de genocídio feitas por organismos internacionais, Gaza atravessa uma crise humanitária sem precedentes na região. Trump pressiona o Hamas a aceitar rapidamente os termos, advertindo que, se o grupo recusar, dará “total apoio” a Israel para levar a guerra até o fim. O projeto já estaria circulando por dirigentes do grupo em Doha.

A comunidade internacional acompanha com cautela, dividida entre a esperança de uma trégua e o ceticismo sobre a real disposição das partes em cumpri-la. Em meio ao impasse, Netanyahu também enfrenta desgaste diplomático. Durante seu recente discurso na 80ª Assembleia-Geral da ONU, várias delegações — entre elas a brasileira — deixaram o plenário em protesto contra a condução da guerra. Foi um gesto simbólico, ilustrando o isolamento crescente do líder israelense. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Colômbia

Governo Trump revoga visto do presidente Gustavo Petro

O governo de Donald Trump revogou o visto do presidente Gustavo Petro, elevando a crise diplomática entre os dois países. A medida foi justificada pelo Departamento de Estado norte-americano como uma resposta a "ações imprudentes e incendiárias". A gota d'água foi um discurso de Petro em Nova York, onde incitou soldados americanos a "desobedecer às ordens de Trump". A tensão já era alta devido às críticas do líder colombiano a Washington sobre as políticas para Venezuela e Gaza. Trump, por sua vez, afirmou que o governo colombiano não está cumprindo suas "obrigações de controle de drogas".

Argentina

Manifestantes protestam contra "narco-feminicídio"

Milhares de pessoas marcharam em Buenos Aires para exigir justiça por um triplo feminicídio que chocou o país. Sob o lema "Narco-feminicídio", a multidão pediu punição aos responsáveis pela morte de três jovens, com idades entre 15 e 20 anos. Elas foram torturadas e esquartejadas em um crime com supostos vínculos com o narcotráfico. Segundo uma investigação policial, que já prendeu cinco suspeitos, o crime foi transmitido online para um grupo fechado como uma "lição" da quadrilha, aumentando a indignação nacional.

Portugal

Nova lei de imigração afeta brasileiros

O parlamento aprovou uma lei anti-imigração que afeta diretamente os brasileiros. A nova regra foi aprovada pelo governo conservador com apoio da ultradireita. A principal mudança na legislação é o fim da possibilidade de entrar no país como turista para depois solicitar residência, uma brecha legal muito utilizada. Ela também impõe um prazo de dois anos de residência para que um imigrante possa solicitar a reunião familiar (direto do imigrante com residência legal tem de trazer familiares para viverem com ele no país). Cidadãos de países de língua portuguesa agora precisarão de um visto prévio, solicitado no país de origem, para poderem residir legalmente.

Dinamarca

Encontro pressiona por defesa contra drones russos

Líderes europeus marcaram um encontro em Copenhague sob forte esquema de segurança para discutir a defesa do continente após novas acusações de violações russas do espaço aéreo na União Europeia e dias depois da aparição de drones em aeroportos dinamarqueses. A premiê Mette Frederiksen afirmou que apenas a Rússia ameaça a Europa e pediu resposta firme. Os incidentes reacenderam o debate sobre a criação de uma "muralla de drones", que seria capaz de detectar e neutralizar rapidamente aeronaves hostis. A Dinamarca proibiu voos civis de drones e recebeu apoio de aliados com radares, navios e tropas para proteger o encontro.

Gabão

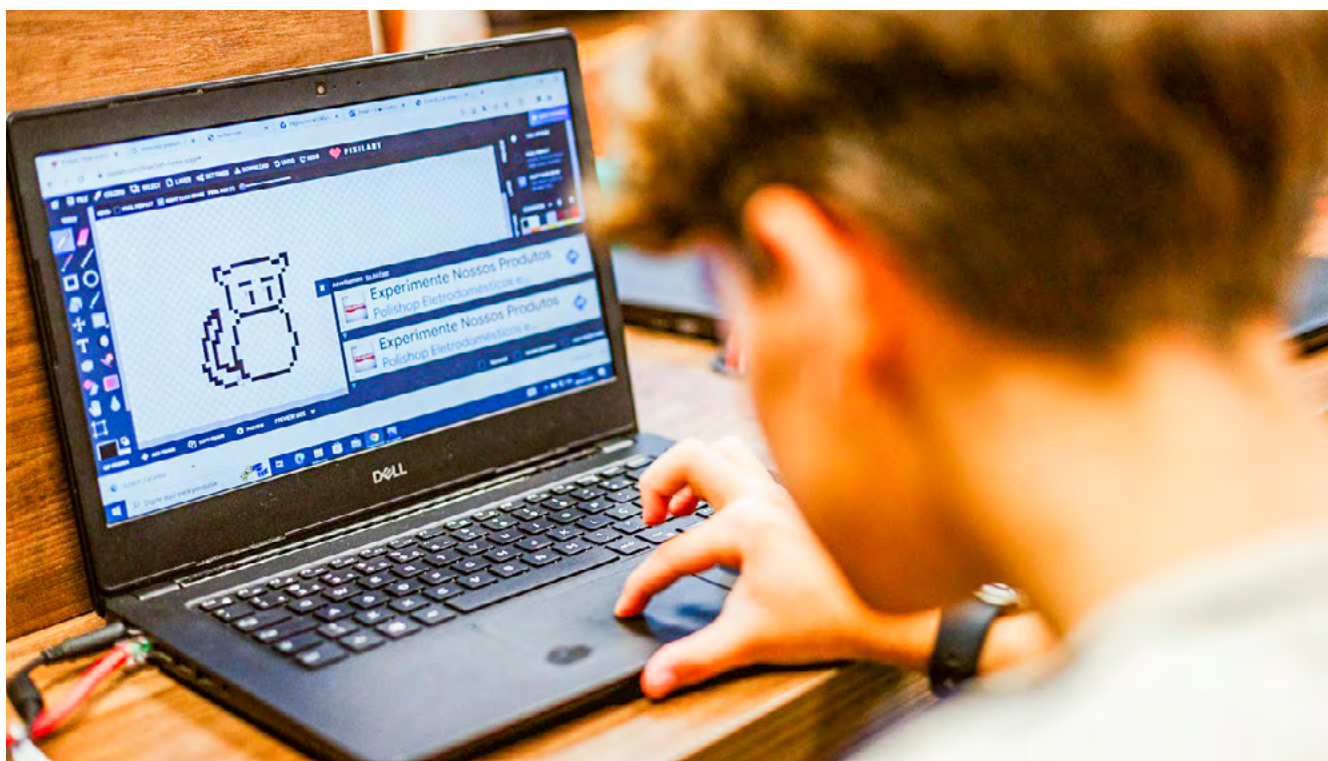
Primeira eleição majoritária após golpe em 2023

O partido do presidente Brice Oligui Nguema, a União Democrática dos Construtores (UDB), lidera o primeiro turno das eleições legislativas, a primeira votação desde o golpe de 2023 que encerrou 50 anos da dinastia Bongo no poder. Criada em julho, a UDB conquistou 55 das 145 cadeiras, enquanto o PDG, do ex-presidente, obteve apenas três. O segundo turno, no próximo dia 11, definirá a composição final do parlamento em 77 distritos. A eleição é vista como um teste crucial para a transição do país de volta ao regime constitucional.

Inteligência artificial em sala de aula, pode?

Duas escolas, uma no Brasil e outra nos EUA, mostram como a tecnologia está sendo empregada, mas um dos usos preocupa

Alessandro Martins



DIVULGAÇÃO

O Instituto Gay Lussac, de Niterói, integrou a IA ao cotidiano escolar. Professores decidem se a tecnologia será usada na aula com os alunos

A tecnologia, a depender do ângulo do olhar, pode ser vista como um estímulo para a formação do conhecimento ou como obstáculo, sobretudo nestes tempos de contínua rolagem pela tela do smartphone. No mundo, cada vez mais países limitam o acesso dos alunos aos dispositivos durante a aula. Por aqui, no início do ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de aparelhos celulares nas salas de todas as turmas de educação básica no país.

Mas se, de um lado, os celulares se tornaram símbolo de distração, de outro, tecnologias ainda mais avançadas passaram a ser vistas como aliadas da pedagogia. É nesse ponto que entra a inteligência artificial (IA), transformando a rotina escolar e levantando novas discussões sobre o futuro do ensino.

No Rio de Janeiro, o Instituto Gay Lussac, em Niterói, é um exemplo emblemático. Em 2005, a escola foi pioneira ao banir celulares de suas salas de aula, antecipando-se à legislação. Hoje, duas décadas depois, está novamente

na vanguarda, desta vez ao integrar a IA ao cotidiano escolar, inclusive durante provas de algumas disciplinas.

“Muito antes do boom da IA, já tínhamos aulas de Pensamento Computacional na grade. Desde 2017, todos os alunos a partir do 6º ano aprendem lógica de programação”, diz Luíza Sassi, diretora-geral do colégio.

A escola incentiva o uso de tecnologias como ChatGPT, da OpenAI, e Gemini, do Google, para a criação de linhas de código que são, depois, analisadas e dissecadas pelos professores



Todos os alunos do colégio aprendem, a partir do 6º ano, lógica de programação

DIVULGAÇÃO

em sala, com os estudantes. Assim, a tecnologia não substitui, mas amplia as discussões sobre raciocínio lógico e programação.

Há diretrizes para a aplicação saudável e ética da IA no instituto, que tem um profissional responsável pela adoção da tecnologia na linha pedagógica. Uma das regras é que alunos menores de 13 anos não podem acessar os sistemas. Além disso, cada professor decide se permite ou não o uso da IA em suas disciplinas. “Antes de ter acesso a essas ferramentas, os alunos precisam desenvolver habilidades e competências”, explica a diretora.

Segundo Luíza, muitos jovens também recorrem aos chatbots para se preparar para provas e simulados. É o caso de Lara de Moraes, de 15 anos, que cursa o 1º ano do ensino médio na escola. “Normalmente, faço um resumo e peço para o chat criar questões que eu possa resolver. Ou coloco um vídeo do YouTube e a IA faz cards, uma espécie de fichamento, para me auxiliar nos estudos”, conta Lara.

Em 2024, o Gay Lussac ficou entre as 15 melhores escolas (61-99 alunos) do Brasil no ranking de desempenho no Enem. Dados mostram que, desde 2010, a média da instituição no exame cresceu quase 10%, saltando de 712,2 para 782,6.

Nos Estados Unidos, professores substituídos

Do outro lado do continente, nos Estados Unidos, a implementação da Inteligência Artificial na sala de aula por uma rede de ensino mostra que a tecnologia vai muito além da oferta de ferramentas. A AlphaSchool, que já tem mais de 15 unidades espalhadas pelo país, se define como uma “escola inovadora com foco em IA”, onde os professores de disciplinas como matemática e inglês são substituídos por inteligências artificiais personalizadas, uma proposta polêmica.

Com mensalidades que chegam até R\$ 23 mil na cotação atual do dólar, o colégio faz a promessa de ensinar o equivalente a um dia escolar completo

em apenas duas horas. Nessa hipotética “escola futurista”, os tutores não corrigem provas e nem lições de casa. Eles são vistos como “guias”, que focam em “apoio emocional, motivacional e desenvolvimento de habilidades”.

Independentemente da forma como as escolas vão adotar a IA, as gigantes da tecnologia como OpenAI, Microsoft e Anthropic aceleraram seus investimentos em educação em 2025 nos Estados Unidos, com um valor equivalente a R\$ 120 milhões destinados para a criação da Academia Nacional para Instrução de IA, que vai gerir treinamentos que ensinam professores a usar ChatGPT e Copilot.

Para Claudia Coltrin, especialista em educação, a utilização da IA como uma ferramenta facilitadora já é uma realidade. Ela ressalta que os benefícios superam os riscos para professores e alunos. “Existe a chance de que um aluno use essas ferramentas para colar ou fazer um trabalho, mas elas podem ser muito úteis para professores quando usadas de maneira ética, seja para agilizar um processo de correção de redações de uma turma grande ou para criar planos de aulas adaptados aos jovens”, observa.

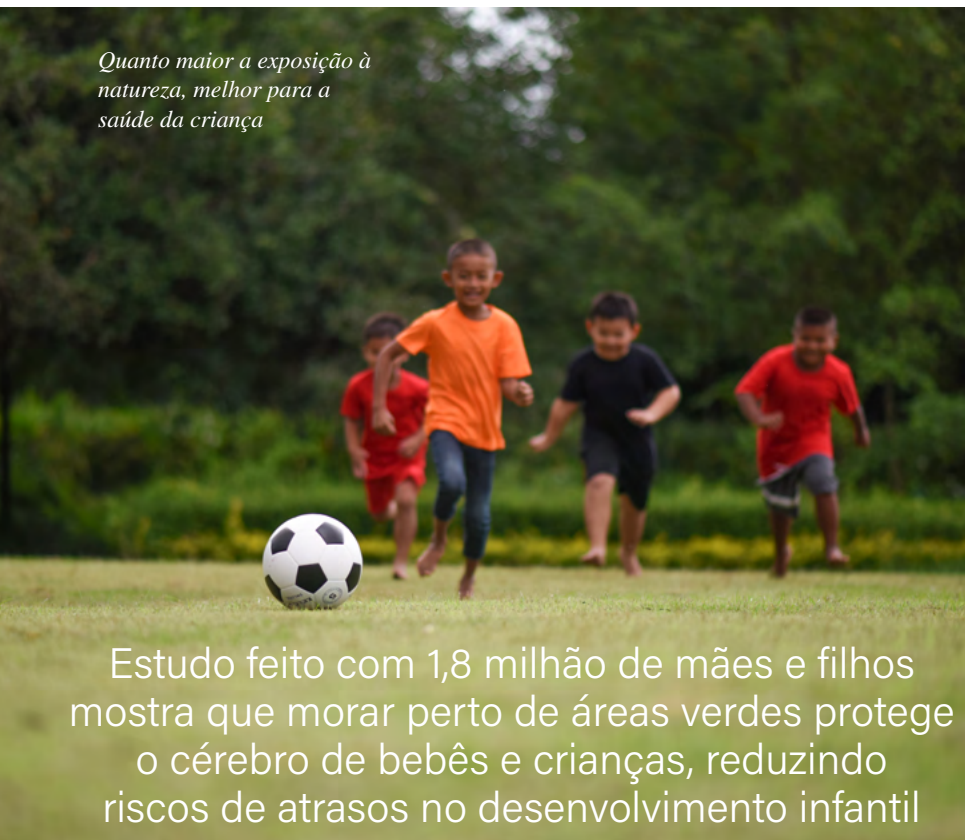
A chegada dessa nova era do ensino não atrai olhares apenas do setor privado. No fim de setembro, o Piauí ganhou destaque internacional ao ficar entre os seis finalistas do Prêmio Rei Hamad Bin Isa Al-Khalifa, promovido pela Unesco, pela implementação da disciplina de Inteligência Artificial em sua rede de escolas estaduais.

Claudia alerta, porém, para os perigos da substituição do professor. Ela salienta que o PISA, exame da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que avalia desempenho escolar em todo o mundo, exige que os alunos tenham pensamento crítico e matemático, além de boas habilidades socioemocionais.

“Uma coisa é falar de universitários, outra de crianças e adolescentes. O professor nunca pode ser substituído. O educador é o elemento humano que estimula a solução de problemas de forma criativa e em colaboração com os colegas, além da resiliência, empatia e outras habilidades essenciais para o exercício da cidadania”, completa. **E**

Pé na grama terapêutico

Quanto maior a exposição à natureza, melhor para a saúde da criança



Estudo feito com 1,8 milhão de mães e filhos mostra que morar perto de áreas verdes protege o cérebro de bebês e crianças, reduzindo riscos de atrasos no desenvolvimento infantil

Uma criança pequena divertindo-se na grama ou brincando entre árvores de um parque faz a alegria de pais e filhos. Mas manter uma rotina perto desses ambientes pode gerar ainda mais benefícios para meninas e meninos. Um estudo recente, publicado na revista científica *Environmental International*, mostra que o contato com a natureza é importante aliado do cérebro infantil.

Conduzida por cientistas da Universidade Harvard e outras instituições de prestígio nos Estados Unidos, a pesquisa concluiu que morar perto de áreas verdes antes e durante a gestação e na primeira infância pode ter um efeito protetor duradouro contra uma série de atrasos no desenvolvimento cognitivo, principalmente no caso de populações carentes.

Os pesquisadores avaliaram dados de mais de 1,8 milhão de duplas de

mães e filhos, coletados entre 2001 e 2014 a partir de registros do Medicaid, o sistema de saúde público dos EUA. As grávidas que fazem parte do programa, em geral, são jovens e apresentam grande diversidade étnica e racial, além de baixo nível socioeconômico.

As informações sobre a saúde das crianças – incluindo diagnósticos de transtorno do espectro autista (TEA), TDAH, dificuldades de aprendizagem e problemas de coordenação motora – foram cruzadas com dados sobre o local em que a mãe morava antes, durante e após a gestação, o que incluía imagens de satélite que ajudavam a mapear a presença de áreas verdes na região das famílias.

Os resultados foram contundentes: quanto maior e mais constante a exposição à natureza, menor o risco de a criança apresentar transtornos de desenvolvimento. As associações mais

fortes foram observadas em relação a comprometimento intelectual e dificuldades de aprendizagem, com um impacto ainda mais significativo para crianças negras e hispânicas que vivem em áreas urbanas, sugerindo que o verde pode ser um importante fator de equidade em saúde.

Como a simples presença de árvores e parques pode influenciar algo tão complexo como a formação do cérebro? Segundo Lis Leão, pesquisadora sênior do Centro de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, em São Paulo, a infância é um período de altíssima plasticidade cerebral, em que o ambiente desempenha um papel fundamental. A entrevista foi dada para a Agência Einstein. “É na infância que se cria a maior conexão com a natureza, e esse tem sido um fator protetor também de saúde mental na vida adulta”, afirma Lis, que é cofundadora da Rede Saúde e Natureza Brasil.

Ao explorar ambientes naturais, a criança é bombardeada por estímulos ricos e variados. “Elas estão sujeitas a terrenos irregulares e, então, desenvolvem melhor equilíbrio, ganham em amplitude de movimentos, além do aprendizado que a natureza oferece e das oportunidades de interação social”, explica. Viver perto do verde também significa estar imerso em um microclima mais saudável, com temperaturas mais amenas (alívio crucial durante as crescentes ondas de calor), ar menos poluído e contato com uma maior biodiversidade.

Os benefícios, segundo os autores do estudo, começam muito antes do primeiro passo no parquinho. A exposição da mãe a um ambiente mais verde durante a gestação está associada a menos estresse e depressão, fatores que influenciam diretamente o desenvolvimento do cérebro do feto ainda no útero. “O desenho das cidades, a distribuição de áreas verdes e a garantia de acesso equitativo não são apenas questões urbanísticas, e sim determinantes sociais e ecológicos de saúde e desenvolvimento”, completa Lis. **E**

FREDRICK

Projeto em parque de Zhoukou, na China, conquistou neste ano prêmio de arquitetura de paisagem, no AZ Awards

Sem enchentes nem inundações

O urbanista chinês Kongjian Yu difundia a visão da água como solução para a crise climática, princípio básico das cidades-esponja

A morte trágica do arquiteto e urbanista chinês Kongjian Yu, na noite de 23 de setembro, durante um estudo de campo no Pantanal, chocou ambientalistas e especialistas que buscam respostas para a crise climática. Aos 62 anos, Yu era considerado um dos maiores pensadores da ecologia aplicada ao urbanismo, capaz de enxergar na natureza as soluções para os problemas causados por enchentes, secas e impermeabilização das cidades.

Sua obra mostrou ao mundo que rios, várzeas e águas não são inimigos a serem contidos pelo concreto, mas aliados vitais para a sobrevivência humana, especialmente nas metrópoles que mais sofrem com os extremos climáticos.

O conceito de cidade-esponja, que marca sua trajetória, nasceu de lembranças de infância no vilarejo de Dongyu, em Zhejiang, onde conviveu com enchentes e barragens em meio ao trabalho agrícola. Essas experiências formaram sua crença ecológica e se transformaram em teoria e prática ao longo de mais de mil projetos em mais de 200 cidades. Em vez de apostar na chamada infraestrutura cinza – diques, canalizações de rios, muros e pistas impermeáveis –, Yu propôs que o planejamento urbano fosse guiado pela lógica da natureza: reter, desacelerar e integrar a água ao ambiente urbano. Essa ideia se espalhou a partir da Universidade de Pequim, onde lecionava. A instituição criou um site memorial

destacando suas pesquisas e obras para que o mundo conheça mais do famoso e premiado conceito.

Exemplos dessa aplicação abundam. Parques em Xangai, Tianjin e Jinhua, na China, projetados pelo escritório Turenscape, fundado por Yu em 1998, transformaram rios canalizados e áreas degradadas em corredores verdes que absorvem enchentes, limpam a água e devolvem biodiversidade ao espaço urbano. Em junho deste ano, o projeto “Sponge Synergy: Huaiyang Fuxi Cultural Park”, na cidade de Zhoukou, foi premiado com o Landscape Architecture Prize do AZ Awards, concedido pela revista Azure. O parque combina inovação hidrológica, narrativa cultural e desenho paisagístico para absorver até um milhão de metros cúbicos de água de chuva por ano.

O júri destacou a capacidade do projeto de fundir “narrativa cultural com desempenho ecológico”. Chamado de “evangelista da esponja”, Yu comentou o reconhecimento, que “reforça a crença de que paisagens devem ser sistemas vivos, absorvendo, retraindo, purificando água e contando histórias”.

A filosofia das cidades-esponja se expandiu para a noção de planeta-esponja, apresentada pelo professor em palestra na 14ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, no dia 19. Ele veio ao Brasil para esse e outro

evento, em Brasília, para falar mais do caminho inovador que pode ser a água. Para ele, a infraestrutura baseada em concreto não é apenas falha como também responde por parcela significativa das emissões globais de carbono. Em países do Sul Global, argumentou na apresentação, a inadequação é ainda mais grave. Em Nova York, os sistemas foram projetados para 10 centímetros de chuva por dia. “No Brasil, pode chover dez vezes mais”, observou.

No evento em São Paulo, Yu foi direto: “O problema não é a mudança climática em si, mas o fato de que estamos investindo na direção errada”. Segundo ele, enquanto trilhões de dólares anuais são aplicados em infraestrutura cinza, bastaria recuperar a sabedoria da própria natureza para multiplicar benefícios: controle de enchentes, redução

de ilhas de calor, provisão de água, espaços de lazer e valorização urbana. “A enchente deixa de ser inimiga”, dizia, ao mostrar como parques chineses se tornaram barreiras naturais e, ao mesmo tempo, elevaram em 400% o valor dos imóveis no entorno.

Yu visitou o Rio Grande do Sul em 2024, a convite do BNDES, após as enchentes que devastaram a região. Na Bienal, repetiu o alerta de que o país está perdendo sua “esponja natural” ao desmatar e impermeabilizar áreas cruciais. “Quando você remove a floresta, você remove a esponja natural. Sem várzeas e brejos, ficamos sujeitos a secas prolongadas e enchentes devastadoras”, afirmou.

Em Brasília, na conferência do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), defendeu que o Brasil pode

ser “referência sobre como construir o mundo”, justamente por viver a tensão entre floresta, cidades e água. Para ele, o Pantanal era um exemplo vivo do conceito de “esponja”. Yu tinha o desejo de ver de perto como as águas ocupam a região, indo e voltando em um ciclo notório para os pantaneiros.

A morte de Yu interrompeu um percurso que ele definia como “um novo estágio civilizatório, guiado pela água e pela natureza”. Em nota, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), que organiza a Bienal, lamentou a perda de uma “bússola para o futuro das cidades”. O CAU, também em comunicado, destacou que as ideias do professor “deixam um legado de compromisso com a sustentabilidade, a paisagem e a vida urbana”.

Para Yu, era importante buscar lições com a natureza: “Se aprendermos a trabalhar com a água, teremos uma solução holística e acessível, que começa no quintal de cada um e escala até o planeta”. O legado desse arquiteto tão gentil quanto genial é um dos mais promissores caminhos para enfrentar a crise climática. E como é belo. Em sua homenagem ao professor, a Universidade de Pequim salientou que Yu defendia que se deveria “pensar como um rei, mas agir como um camponês”. Seus colegas pontuaram: essa é a síntese de sua ética como designer e de sua convicção como acadêmico. **E**



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Tragédia no Pantanal

As investigações sobre o acidente aéreo no Pantanal que vitimou o urbanista e professor chinês Kongjian Yu, os dois documentaristas brasileiros que o acompanhavam, Luiz Fernando Ferraz e Rubens Crispim Jr, e o piloto Marcelo Pereira na noite da terça-feira 23, apontam para uma combinação de operação irregular e uma colisão fatal durante a tentativa de pouso. O grupo tinha sobrevoado a região o dia inteiro na produção de um documentário sobre o trabalho de Yu.

Ferraz era sócio da produtora Olé Produções. Em 2023, ele foi indicado ao Emmy

por “Dossiê Chapecó: O Jogo por Trás da Tragédia”. Ele e Crispim – que tem entre seus trabalhos o documentário “O Bixiga é Nosso” – fizeram a viagem com Yu, que tinha o desejo de conhecer o Pantanal. O urbanista veio ao Brasil para participar da 14 Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, onde fez palestra no dia 19.

Segundo a Polícia Civil de Mato Grosso do Sul, a principal hipótese do acidente é que o avião, um Cessna 175 de prefixo PT-BAN, de propriedade de Pereira, colidiu com uma árvore de cerca de 20 metros ao se aproximar da pista. Com o choque, a aeronave perdeu

sustentação, caiu e incendiou. Todos teriam morrido na hora. Galhos encontrados na fuselagem reforçam essa linha de apuração.

A polícia apontou que a operação ocorria em condições proibidas. A pista da Fazenda Barra Mansa, em Aquidauana, destino do voo, só tinha permissão para operação visual diurna. Contudo, o piloto tentou o primeiro pouso às 18h03, já sem visibilidade. Ele arremeteu e fez a segunda tentativa, por volta das 18h20. A colisão com a árvore ocorreu a 300 metros da cabeceira. A aeronave também possuía um histórico controverso: não tinha autorização da ANAC para operar como táxi aéreo e já havia sido apreendida em 2019 por transporte clandestino de passageiros. Familiares e amigos, no entanto, argumentaram que Marcelo Pereira havia regularizado a situação.



A turnê “Intemporal” de Claudia Leitte começou em São Paulo e parte para Natal, Recife e Curitiba ainda em 2025

DIVULGAÇÃO

Íntima e sensível

Claudia Leitte estreia turnê, com formato intimista, prepara novo álbum e destaca como a terapia a ajudou a colocar a arte “em um lugar mais centrado” em sua vida

Letícia Sena

A cantora Claudia Leitte, 45 anos, abriu sua nova turnê, “Intemporal”, em São Paulo. Com uma mistura de clássicos da MPB e músicas que marcaram sua carreira, como “Largadinho”, “Exttravasa” e “Taquitá”, a artista leva uma proposta mais intimista no palco. Após três apresentações na capital paulista, o espetáculo de Claudia segue para outras cidades, como Natal, Recife e Curitiba ainda neste ano e, para capitais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador em 2026. “Esperei muito por esse momen-

to. Quero que cada noite seja inesquecível”, afirmou.

O formato intimista da turnê chama atenção por aproximar Claudia do público, com cenários mais contidos e repertório cuidadosamente selecionado. Embora já tenha explorado momentos de proximidade em apresentações anteriores, “Intemporal” é a primeira turnê que adota esse clima de maneira contínua, criando uma experiência mais íntima e sensível.

Em paralelo, Claudia prepara o sétimo álbum de estúdio, “Especiarias”,

previsto para este mês. O projeto, descrito como “multiartístico”, traz parcerias com artistas baianos e aposta em um clima mais romântico e analógico. “Vivemos uma fase de consumo rápido no streaming, mas quis resgatar a experiência de um trabalho completo, como uma receita com diferentes temperos da minha trajetória”, explicou. O álbum reflete momentos de introspecção, amor e cuidado com a saúde mental vivenciados durante a pandemia, oferecendo ao público uma Claudia mais madura e conectada consigo mesma.

Parte dessa maturidade vem do acompanhamento psicológico e psiquiátrico que a cantora buscou nos últimos anos, experiência que transformou sua relação com a música e com o palco. “Muitas vezes eu subia ao palco com problemas, achando que resolvia ali, mas estava apenas mascarando. A terapia me ajudou a trazer minha arte para um lugar mais centrado”, revelou. Esse equilíbrio emocional é percebido tanto no repertório da turnê quanto nas composições do novo álbum.

Claudia também comentou sobre a polêmica envolvendo sua fé evangélica e sua participação no Carnaval. A discussão ganhou força quando críticos apontaram suposta contradição entre seu envolvimento com festas populares e sua religiosidade. A questão envolveu, sobretudo, a canção “Caranguejo”, gravada pelo grupo Babado Novo na época em que Claudia era vocalista. Composta por Durval Luz, Nino Balla, Luciano Pinto e Alan Moraes, a letra dizia em um trecho “saúdando a rainha Iemanjá”. Essa parte foi mudada para “eu canto meu rei Yeshua”, que significa Jesus em hebraico.

“Minha fé é algo pessoal. Entendo que as pessoas queiram falar, mas é a minha relação com Deus. Que vejam apenas que ele brilha sempre, e está tudo certo nesse sentido”, declarou, ressaltando que a espiritualidade é parte íntima de sua vida e não interfere na celebração da arte e da cultura.

Entre novas músicas, reflexões pessoais e diálogos sobre fé, Claudia, que tem uma trajetória de quase 18 anos — tempo em que os jovens atingem a maioridade no Brasil —, demonstra estar em uma fase marcada por mais equilíbrio e proximidade com o público. **E**

O touchdown de Bad Bunny

Anunciado como atração do Super Bowl, em 2026, o astro porto-riquenho cantará nos EUA, após tirar o país de sua turnê, decisão que confronta a política anti-imigrante de Trump

O show do intervalo do Super Bowl, a grande decisão do futebol americano, não é apenas uma atração musical. Ele faz parte do evento mais assistido da TV nos Estados Unidos. Em um palco monumental erguido a olhos vistos, a final faz uma pausa de 13 minutos para oferecer ao público uma apresentação de ícones como Rihanna, Dr. Dre e Kendrick Lamar – até Prince tocou e cantou nesse intervalo especial. O próximo nome a ocupar este olimpo do entretenimento será Bad Bunny. A escolha, revelada nesta semana pela NFL (a liga que organiza o esporte), carrega uma profunda ironia: o astro porto-riquenho deliberadamente excluiu os Estados Unidos de sua turnê mundial – que inclui o Brasil. Mas, agora, ele tomará o palco de um estádio na Califórnia, no dia 8 de fevereiro de 2026, e poderá tornar esse show um de seus maiores trunfos na atual temporada.

Bad Bunny resolveu não colocar os EUA na turnê do álbum “*Debí Tirar Más Fotos*”, lançado em janeiro deste ano, para proteger seu público da política anti-imigração do presidente Donald Trump e das temidas operações do Serviço de Imigração e Controle de Alfândegas (ICE, na sigla em inglês), que poderiam ocorrer nos arredores de seus shows.

Para quem ainda não conhece o artista, é preciso explicar que Benito, como é chamado intimamente, valoriza ao extremo sua terra e busca falar frequentemente em espanhol. Recentemente, ele chamou a atenção do mundo pela residência “*No Me Quiero Ir de Aquí*” em Porto Rico, um projeto de revitalização econômica e cultural.

A iniciativa injetou cerca de R\$ 1 bilhão na economia local e atraiu 600 mil turistas para a ilha. A ação foi além: em parceria com a Amazon, de-

se envolveu programas de educação em tecnologia, apoio à agricultura e uma loja virtual para promover produtos “*Hecho en PR*” (feitos em Porto Rico).

Por três anos consecutivos (2020 a 2022), Bad Bunny foi o artista mais ouvido do Spotify globalmente, um feito inédito para quem canta só em espanhol. Seus números impressionam: mais de 80 milhões de ouvintes mensais e mais de 20 músicas no “*Billions Club*”, com mais de um bilhão de execuções cada. Ele transformou o reggaeton em um produto de exportação global sem nunca abandonar suas raízes.

Sobre a magnitude de se apresentar no Super Bowl, o próprio artista dimensionou o feito como um marco para sua cultura e sua carreira. “É algo que vai além de mim. É por aqueles que vieram antes e correram incontáveis jardas para que eu pudesse entrar e marcar um touchdown... isto é pelo meu povo, pela minha cultura e pela nossa história”, declarou, no comunicado da NFL.

Falar em touchdown, a jogada mais importante do futebol americano, faz sentido. Afinal, ele poderá transmitir uma mensagem, direta ou indireta, em favor dos imigrantes que vivem nos Estados Unidos. Parte de seu público poderá receber o recado pela TV, na segurança de seus lares. E para quem está preocupado com os shows em São Paulo: eles acontecerão nos dias 20 e 21 de fevereiro, no Allianz Parque. Até onde se sabe, o Super Bowl não vai alterar a turnê. **E**

*Bad Bunny no Super Bowl 2026:
“Isto é pelo meu povo, pela minha
cultura e pela nossa história”*



DIVULGAÇÃO/AMAZON

Do Pará a Milão: a tiktokker que brilha no *grand monde* da moda

A influenciadora Jordanna Maia repete parceria com a maison Dolce & Gabbana na Semana de Moda de Milão. No mesmo desfile esteve a atriz Meryl Streep, em cena de *O Diabo Veste Prada 2*

A recém-encerrada Semana de Moda de Milão, um dos eventos mais prestigiados do calendário fashionista global, teve nas principais fileiras dos desfiles de Primavera/Verão uma brasileira que é mais conhecida da geração Z: a influenciadora Jordanna Maia, paraense de 24 anos que construiu sua fama na velocidade do TikTok. Com um 1,7 milhão de seguidores na plataforma e outros 537 mil no Instagram, ela transmitiu pelas redes alguns de seus momentos – e looks – nas passarelas e ruas da cidade que respira elegância.

Jordanna participou como convidada do desfile da Dolce & Gabbana no sábado, 27. Em 2024, a influenciadora protagonizou uma campanha digital da grife, fotografada pela dupla Luigi & Iango. Foi a única brasileira escolhida para aquele shooting global exibido nas redes oficiais da maison. Com o convite para estar na Semana de Moda de Milão, ela consolidou seu vínculo com a marca.

Nascida em Castanhal, uma cidade a cerca de 65km de Belém, no Pará, Jordanna iniciou sua trajetória no YouTube, mas hoje a plataforma em que mais reúne seguidores é no TikTok, onde focou seu interesse pelo universo da moda. Foi pelas redes, com seus tutoriais de looks, que começou a chamar atenção. Na plataforma, ela se apresenta como “a patricinha mais legal do TikTok”.

Jordanna esteve no desfile da Dolce & Gabbana e compartilhou momentos e looks com seus seguidores nas redes



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Com a visibilidade das redes, passou a ser convidada para eventos até chegar aos mais estrelados. Esteve em desfiles de grifes como Givenchy, Carolina Herrera e Giambattista.

Em Milão, Jordanna foi recebida no espaço de beleza da Dolce & Gabbana, onde se preparou para a apresentação da maison com produção assinada pela equipe internacional da marca. Ela teve um momento de modelo nas ruas, atraindo a atenção dos fotógrafos.

Já no desfile, Jordanna testemunhou uma cena que promete ser vista futuramente no cinema. Isso porque estiveram no espaço dois convidados que atacam os fãs do drama “O Diabo Veste Prada”, que completa duas décadas em 2026.

A atriz Meryl Streep entrou na pele da personagem Miranda Priestly. Ela veio acompanhada de Stanley Tucci, interpretando o diretor de arte Nigel Kipling. Eles estarão na sequência do filme.

Curiosamente, do outro lado da passarela, à mesma altura do lugar onde se sentaram Meryl e Tucci, estava a editora Anna Wintour, que inspirou a criação da personagem Miranda. A cena foi registrada e compartilhada por Jordanna em suas redes. O mesmo fez a atriz Maisa, que também estava no desfile.

Para a festa da maison, depois da apresentação, a tiktokker escolheu um vestido preto com bustiê de renda da D&G e, como boa influenciadora, mostrou o look nas redes. Dois posts depois, ela já estava em Paris, fazendo um unboxing de Gucci. **E**



As equipes de Popó e Wanderlei Silva invadiram o ringue após a desclassificação do lutador de MMA

REPRODUÇÃO/TV GLOBO

Vergonha no ringue

O duelo entre o tetracampeão do boxe Acélino Popó e Wanderlei Silva, lenda do MMA, terminou em pancadaria transmitida na TV aberta. Eles tiveram de passar por hospitais

Na agenda, era para ser uma noite elegante, com black tie para os convidados. A programação do Spaten Fight Night, em sua segunda edição, previa quatro lutas, sendo a principal o confronto entre Acélino “Popó” Freitas, tetracampeão mundial de boxe, e Wanderlei Silva, lenda do MMA. Marcado para sábado, 27, o embate começou antes, com as costureiras farpas trocadas dias antes. Não se imaginava, no entanto, que o evento terminaria com lamentáveis cenas de invasão de ringue e pancadaria distribuída para todos os lados – e tudo isso com transmissão da TV aberta.

Como acontece com muitos eventos dessa natureza, lutadores têm o hábito de provocarem seus adversários, deixando parte do público na dúvida se as palavras atravessadas são reais ou se são puro “marketing”. Com o desafio estabelecido entre Popó e Wanderley, duas estrelas de modalidades distintas, não foi diferente. Aparentemente, a expressão “bunda mole”, usada pelo lutador de MMA, foi demais para o boxeador.

Nesse clima aconteceu o embate. Desde o início, Wanderlei recorreu a um arsenal de golpes ilegais para as regras do boxe, aplicando cotoveladas, joelhadas e cabeçadas. Uma delas

chegou a derrubar Popó. A situação se tornou insustentável no quarto round, quando, após a terceira cabeçada intencional de Wanderlei, o árbitro decretou o fim da luta, desclassificando o paranaense e declarando a vitória de Popó.

O final do confronto mal foi comemorado pelo boxeador baiano. Na sequência, veio o caos. Imediatamente, as equipes dos dois lutadores invadiram o ringue e uma confusão se instalou, com gritos, empurrões, chutes, socos. De repente, Wanderlei tomou um golpe e caiu estatelado no chão. Foi a nocaute. Quem o atingiu? Rafael Freitas, um dos filhos de Popó. Ele tinha entrado carregando o cinturão do pai. Depois, ao reconstituir história, ele contou que viu sua família sendo agredida e também partiu para a briga. Primeiro, ele tinha dado um golpe nas costas do paranaense. Foi contido inicialmente por um filho de Wanderlei, mas ele se desvencilhou e partiu de novo para Wanderlei, dessa vez acertando um soco certo no rosto do adversário do pai. E assim tombou o pentacampeão de MMA.

Por alguns minutos, Wanderlei ficou inconsciente. Ele teve um corte profundo no rosto e uma fratura no nariz. Foi levado a um hospital na zona sul de São Paulo. Em suas redes, declarou ter sido “covardemente agredido” enquanto tentava apartar a briga.

Popó não saiu ileso. Também foi internado em um hospital em Salvador para passar por um procedimento cirúrgico (que não foi detalhado). O tetracampeão lamentou o ocorrido. Na fatídica noite, ele pediu perdão ao público pelo vergonhoso espetáculo. Dias depois, foi às redes para apresentar a sua parte das desculpas (subentendendo-se que a outra cabe a Wanderley) e pedindo que o lutador de MMA aperte as mãos dele. “Esse é o nosso papel como ídolos de gerações”, disse.

Em comunicado, a Spaten reprovou os acontecimentos e defendeu o respeito às regras. Ela afirmou que seguirá “trabalhando para apoiar e elevar os valores do esporte e das artes marciais”. O Conselho Nacional de Boxe informou na terça-feira, 30, que os dois lutadores estão suspensos por 180 dias e não poderão participar de eventos cancelados pela entidade no período. Dará tempo de fazerem as pazes. **E**

Mineirinho, 50 anos— e voando

O skatista Sandro Dias bate recorde ao descer um prédio de 70m em Porto Alegre, com velocidade chegando a 103,8 km/h



MARCELO MARAGN/REDBULL CONTENT POOL

Aos 50 anos, Sandro Dias, o Mineirinho, não desafiou apenas a gravidade ao se lançar do topo do Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF), em Porto Alegre, na semana passada. Ele desafiou o tempo. Em um esporte celebrado pela juventude, o hexacampeão mundial de skate vertical redefiniu os limites do possível ao bater dois recordes mundiais homologados pelo Guinness: o maior drop (descida) de um prédio e a maior velocidade atingida em um skate convencional, chegando a 103,8 km/h. A manobra durou oito segundos e foi o clímax de um sonho de 13 anos. O projeto, que teve apoio da Red Bull, foi um exercício de engenharia e preparação física. A fachada curva do CAFF, que no imaginário dos skatistas locais sempre foi “a rampa perfeita”, foi domada. Para isso, uma estrutura de madeira cobriu a lateral do edifício, permitindo

que Mineirinho despencasse de uma altura de 70 metros – o equivalente a um prédio de 23 andares. O feito expôs seu corpo a uma força de 3,9g (a força G é a medida da aceleração sentida pelo organismo em relação à aceleração da gravidade da Terra). Isso fez com que, por um instante, seu peso percebido fosse de 277 quilos. A aterrissagem, um dos pontos mais críticos, foi garantida 1.800 cubos de espuma.

De olho no recorde, ele se submeteu a um intenso regime de treinamento. Para simular os efeitos da Força-G, treinou com coletes de mais de 40 quilos. Para se aclimatar à velocidade, foi puxado por motocicletas em pistas de asfalto, ultrapassando 130 km/h. A combinação das variáveis só poderia ser testada na estrutura real.

Antes de atingir a marca final, o skatista realizou descidas progressivas, começando em 30 metros e subindo

gradualmente. Cada descida era uma coleta de dados, um ajuste na angulação, na postura e no equipamento, que incluiu um skate com peças adaptadas. Mineirinho já tinha atingido 67m, em outro momento, mas marca não foi homologada. Em Porto Alegre, o skatista decidiu encerrar a aventura nos 70m. “Cheguei em um limite, vou parar por aqui. Tem muitas coisas que se impõem nesse cenário: a rampa, a velocidade, a condição climática”, afirmou, logo após o feito. “O recado mais importante é para que as pessoas nunca desistam dos sonhos, por mais longe que pareçam estar”, declarou. **E**

Mineirinho deslizou por 70 metros depois de ter feito descidas progressivas a partir de 30 metros



FABIO PIVARET/REDBULL CONTENT POOL

O mestre do omakase

A experiência de degustar um menu feito na hora, com arte, requinte e ingredientes sazonais, é a grande arte por trás do Ryo Gastronomia, restaurante paulistano do chef Edson Yamashita, premiado pelo Guia Michelin

Beatriz Mizuno



Entre suas criações está o buta bara (barriga de porco), com cenoura assada, cebolinha e caldo de copa lombo



Edson Yamashita trouxe para São Paulo o modelo omakase

FOTOS: LEONARDO MONTEIRO/ISTOÉ

De uma infância simples em São Paulo ao reconhecimento do Guia Michelin pela cozinha do Ryo Gastronomia, no bairro paulistano do Itaim: essa é parte da trajetória de Edson Yamashita, chef que revolucionou a culinária japonesa no Brasil. Sua trajetória está conectada a uma experiência que surgiu no Japão do século XX, o omakase — expressão que significa “confio em você”.

Em outras palavras, o conceito implica deixar a refeição aos cuidados do chef, que define as receitas em função da sazonalidade e do frescor dos ingredientes. O omakase é composto por pequenos e delicados pratos, como um menu degustação. E por que ele está tão associado a Yamashita?

Sobrinho dos donos do Shin-Zushi, um dos mais tradicionais restaurantes japoneses da capital paulista, o chef

partiu para o Japão para se graduar no setor. Estudando entre Tóquio e Kyoto de 1997 a 2005, Yamashita retornou ao país para trazer novidades ao negócio da família. No Shin-Zushi, implementou pela primeira vez em São Paulo o modelo omakase, com os pratos preparados na frente dos clientes e servidos no balcão. A novidade caiu no gosto do público e hoje está consolidada na cidade.

Em 2015, Yamashita abriu o Ryo Gastronomia. O restaurante foi premiado com uma Estrela Michelin em 2018 e com duas em 2020. Em 2021, a casa fechou, mantendo apenas o delivery. Reaberta no final de 2024 com um modelo intimista para oito pessoas no balcão, a casa voltou a conquistar uma Estrela Michelin em maio.

Um dos nove restaurantes de culinária japonesa que integram a lista de 25 casas estreladas no Brasil pela publicação, o Ryo tem a proposta de unir a tradição japonesa a elementos de culturas diversas. No menu atual, um dos atrativos é a culinária nikkei — fusão peruano-japonesa — e ingredientes brasileiros.

Para desvendar os sabores do chef, é necessário desembolsar R\$ 1.290 pelo omakase. A adição opcional de harmonização de bebidas vai de R\$ 750 (standard) a R\$ 1.500 (premium). Apesar de alto, o preço é compatível com os praticados na região. **E**



“Depois da Caçada”, do diretor italiano Luca Guadagnino, e com Julia Roberts e Andrew Garfield, abre o festival

O melhor do cinema na cidade maravilhosa

Em sua 27ª edição, o Festival do Rio celebra recorde de filmes nacionais, traz estrelas como Juliette Binoche e resgata o voto popular na decisão da *Première Brasil*

A partir desta quinta-feira, 2, o Rio de Janeiro se transforma na capital do cinema na América Latina com o início da 27ª edição do Festival do Rio. Durante 11 dias, até o domingo 12, a cidade será palco de uma maratona com cerca de 300 filmes de 74 países, distribuídos por 22 salas de cinema e diversos espaços culturais. O evento retorna com fôlego renovado, trazendo títulos aclamados nas principais competições internacionais e também novas produções que fazem sua estreia no Rio. Outra novidade é o retorno do voto popular em suas mostras competitivas.

Um dos destaques da edição é a robustez da produção nacional. A *Première Brasil*, principal vitrine do cine-

ma brasileiro, bateu recorde com a seleção de 124 títulos, entre longas, médias e curtas-metragens. O volume de inscrições – mais de 320 longas nacionais foram submetidos à curadoria – reflete o momento de efervescência da indústria audiovisual do país. “Estamos muito felizes de ter este ano uma *Première Brasil* que é a maior que a gente já teve, não só no número de inscritos, mas principalmente no de selecionados”, afirma Ilda Santiago, diretora do festival. “É o momento de a gente poder contar mais histórias, poder dizer que o talento brasileiro existe”, completa.

Essa diversidade se espalha por várias mostras, como a *Competição Principal* de ficção e documentário, a

experimental *Novos Rumos* e seções temáticas como *Retratos* e *O Estado das Coisas*, que este ano tem uma curadoria para filmes relacionados à COP-30. Além disso, o festival terá exibições gratuitas dos primeiros episódios de quatro séries brasileiras: “Ângela Diniz: Assassinada e Condenada” (HBO Max), “Ayô” (Reprodutora), “De Menor” (Tangerina Entretenimento) e “Tremembé” (Prime Video).

No panorama internacional, o festival conta com uma seleção de peso entre os filmes e tem como convidados nomes importantes da indústria. Um deles é o da estrela francesa Juliette Binoche. Ela vem à cidade pela primeira vez para apresentar sua estreia na direção, o documentário “In-I in Motion”. O filme explora o processo criativo do espetáculo que ela concebeu com o dançarino Akram Khan e terá uma sessão de gala especial no domingo 5, no Cine Odeon, o clássico endereço da abertura do evento.

A presença feminina na direção é um dos eixos da curadoria, que conta com 90 filmes dirigidos por mulheres, incluindo obras de cineastas consagradas como a portuguesa Teresa Villaverde, que apresentará a estreia mundial de “Justa”, e a francesa Claire Denis com seu novo longa, “A Cerca”.



Festival do Rio



Juliette Binoche apresentará sua estreia na direção, o documentário "In-I in Motion"

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A programação internacional tem títulos premiados em Cannes, como "Valor Sentimental", de Joachim Trier, e "O Olhar Misterioso do Flamingo", de Diego Céspedes (representante do Chile no Oscar), que virá ao Rio, junto com a atriz Paula Dinamarca. Por sinal, outros filmes já selecionados por seus países para concorrer ao Oscar 2026 serão exibidos. Vale conferir com quem "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça, poderá se confrontar, caso o brasileiro vá adiante na seleção dos títulos que vão disputar a estatueta de Melhor Filme Internacional (confira o quadro com as produções já definidas). Os finalistas serão anunciados em dezembro.

Outras obras que estão na programação são: "A Voz de Hind Rajab", da diretora tunisiana Kaouther Ben Hania, que levou o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza.

Do Festival de Cannes, chegam filmes como "Valor Sentimental", de Joachim Trier, vencedor do Grande Prêmio do Júri, e "O Riso e a Faca, de Pedro Pinho, que conquistou o prêmio de Melhor Atriz para Cléo Diára na mostra Un Certain Regard – ela também virá ao Rio. Entre os grandes nomes presentes no Panorama estão ainda "La Grazia", de Paolo Sorrenti-

no; "A Cronologia da Água", de Kristen Stewart; "Sonhos", de Michel Franco; "Elefantes Fantasma", de Werner Herzog; e "Balada de um Jogador", de Edward Berger. A lista ainda inclui trabalhos de Hong Sang-soo, Julia Ducournau, Kelly Reichardt, Rebecca Zlotowski e László Nemes. E, para marcar a importância do evento, Bill Kramer, CEO da Academia do Oscar, estará presente na noite de abertura.

A abertura e o encerramento do Festival do Rio foram cuidadosamente. A exibição de gala, que dá início ao grande encontro do cinema na cidade maravilhosa, será com a estreia brasileira de "Depois da Caçada", do diretor italiano Luca Guadagnino ("Me Chame Pelo Seu Nome"), com Julia Roberts e Andrew Garfield. Ele abriu os prestigiados festivais de Veneza e Nova York. A noite de encerramento, no dia 11, terá "Hamnet: A Vida Antes de Hamlet", drama histórico dirigido pela vencedora do Oscar Chloé Zhao ("Nomadland"). Produzido por Steven Spielberg e Sam Mendes, e estrelado por Paul Mescal e Jessie Buckley, o longa foi o grande vencedor do Festival de Toronto, prometendo fechar o evento com uma obra de forte impacto emocional e aclamação crítica. **E**



De olho no Oscar 2026

Confira longas exibidos no festival e indicados por seus países para a disputa do prêmio de Melhor Filme Internacional

- **"O Agente Secreto"**, de Kléber Mendonça Filho (Brasil)
- **"Aquilo Que Você Mata"** (The Things You Kill), de Alireza Khatami (Irã/França)
- **"Um Fantasma Útil"** (A Useful Ghost), de Ratchapoom Boonbunchachoke (Tailândia)
- **"Franz Antes de Kafka"** (Franz), de Agnieszka Holland (Polônia)
- **"Kokuho - O Mestre Kabuki"** (Kokuho), de Sang-il Lee (Japão)
- **"Fernão de Magalhães"** (Magellan), de Lav Diaz (Filipinas)
- **"O Olhar Misterioso do Flamingo"** (La misteriosa mirada del flamenco), de Diego Céspedes (Chile)
- **"Órfão"** (Orphan), de László Nemes (Hungria)
- **"Um Pai"** (Father), de Tereza Nvotová (Eslováquia)
- **"O Pavão"** (Peacock), de Bernhard Wenger (Áustria)
- **"Pequenos Pecados"** (Little Trouble Girls), de Urška Djukić (Eslovênia)
- **"Reedland"** (Rietland), de Sven Bresser (Países Baixos)
- **"Valor Sentimental"** (Sentimental Value), de Joachim Trier (Noruega)
- **"A Voz de Hind Rajab"** (The Voice of Hind Rajab), de Kaouther Ben Hania (Tunísia)

As novas estrelas do Carnaval 2026

Celebridades da internet como Virginia Fonseca e Gkay ocupam postos de musas e rainhas de bateria em escolas tradicionais do Rio de Janeiro; elas prometem gerar engajamento para as escolas

Já é Carnaval nas escolas de samba. Sambas-enredos estão sendo definidos. E musas e rainhas de bateria também. No Rio de Janeiro, a Marquês de Sapucaí verá uma maior presença de celebridades da internet. Com isso, as agremiações do grupo principal estabelecem como estratégia atrair novos públicos e contar com o engajamento das influenciadoras, ainda que algumas assumam que estão se aprimorando no quesito “samba no pé”.

O caso mais emblemático é o da Grande Rio. A escola terá na frente da bateria a apresentadora e influenciadora Virginia Fonseca, com cerca de 53 milhões de seguidores. A coroação sacramentou a saída da atriz Paolla Oliveira, que por sete anos ocupou o posto. A transição gerou barulho nas redes. A escola defende a escolha como abertura para novos públicos, mas comentários na mídia social questionaram a performance de Virginia no samba.

A atriz Carol Castro, entrevistada por IstoÉ Gente, apontou contradição entre o tema do samba-enredo da Grande Rio em 2026, o movimento mangubeat, famoso por suas críticas sociais, e a definição de Virgínia como rainha da bateria. “Se fosse qualquer outro enredo, talvez eu nem tivesse comentado. Mas justamente um que fala de luta e resistência? É uma hipocrisia absurda”. A queixa da atriz está no fato de Virginia ter ido a uma CPI falar de seu trabalho com as bets, “jogos que enriquecem às custas da perda do outro lucrando em cima da desgraça alheia, destruindo famílias”, criticou.

Outra escola que aposta suas fichas em personalidades das redes é a Acadêmicos do Salgueiro. A escola anunciou um trio de musas de alto impacto midiático: a ex-BBB Bruna Griphao, a influenciadora Gkay e a modelo Cintia Dicker. A primeira já possui um histórico na avenida: na juventude desfilou

pela Mocidade. Gkay e Cintia farão sua estreia na Sapucaí. E na Unidos da Tijuca, a influenciadora Mileide Mihaile já foi apresentada como a herdeira do posto deixado por Lexa. Em seu perfil no Instagram, com cinco milhões de seguidores, ela listou que é a rainha de bateria da escola.

Mudanças nas posições de musas também chamam atenção. A dançarina Brunna Gonçalves passou pela surpresa de ter sido desligada pela Beija Flor. Agora, está na Grande Rio, onde se junta a Virginia, mas no posto de musa. O assunto rendeu até discussão nas redes, com Brunna questionando a decisão da antiga escola.

Na Portela, a cantora de pagode Marvvila será mais uma novidade no Sambódromo. Na escola, quem brilha como rainha de bateria, desde 2017, é a sambista Bianca Monteiro. **E**

FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Cintia Dicker

Mileide Mihaile

Brunna Gonçalves

Marvvila

Virginia Fonseca

Gkay

Bruna Griphao

Filmes e séries

Alta produção nacional

No cinema, a história da revolta dos Malês. No streaming, série de vampiros e lobisomens e o filme "Caramelo" – estreias de 2 a 8 de outubro

FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Malês"

Drama dirigido por Antonio Pitanga sobre a Revolta dos Malês, maior levante no país feito por pessoas escravizadas. O filme acompanha um casal muçulmano separado pela violência da escravidão. O elenco conta com Camila e Rocco Pitanga. O diretor interpreta o líder da rebelião.



"GOAT"

Um atleta de futebol americano entra em um centro de treinamento para seguir os passos de seu ídolo, mas logo percebe que a admiração se transforma em pesadelo. A convivência com o quarterback lendário se revela tóxica e sombria, levando-o ao limite.



"Coração de Lutador"

Dwayne Johnson interpreta o lutador de MMA Mark Kerr em uma trama que mostra suas vitórias no octógono e também a dependência de opioides e as tensões no relacionamento com Dawn, vivida por Emily Blunt.



"Love Kills"

Na Cracolândia, a vampira Helena (Thais Lago) seduz um garçom (Erom Cordeiro) e o arrasta para um submundo de violência e desejo. Dirigida por Luiza Tubaldini, a história traz romance e terror. Baseado na obra de Danilo Beyruth, o longa tem estreia no dia 3.

Destaques do streaming

"Caramelo"

Drama brasileiro dirigido por Diego Freitas e estrelado por Rafael Vitti e pelo vira-lata Amendoim, que faz o papel de Caramelo. Um chef em ascensão enfrenta um diagnóstico inesperado e encontra no convívio com um caramelo a chance de recomeçar e reencontrar o afeto. Estreia dia 8.

Netflix



"Jogo Sujo"

Filme de ação com Mark Wahlberg, Lakeith Stanfield e Rosa Salazar. Parker tenta realizar um assalto de grande escala em Nova York. O plano, no entanto, entra em rota de colisão com a máfia. Com estreia dia 1.

Prime Video



"Vermelho Sangue"

Série brasileira criada por Claudia Sardinha e Rosane Svartman. Ambientada em Guarumbá, no Cerrado Mineiro, mistura fantasia e romance ao acompanhar vampiros, lobisomens e o encontro transformador de Luna (Leticia Vieira) e Flora (Alanis Guillen).

GloboPlay



"O Ônibus Perdido"

Drama com Matthew McConaughey e America Ferrera. Inspirado em fatos reais, o filme acompanha um motorista que tenta salvar crianças e uma professora durante um incêndio mortal.

Estreia dia 3.

Apple TV+



A dama do ambientalismo

O mundo se despede de Jane Goodall, primatologista britânica que revolucionou o estudo dos chimpanzés e se tornou importante voz do conservacionismo; ativa e com agenda a cumprir nos EUA, ela morreu aos 91 anos

Os estudos de Jane Goodall mudaram paradigmas: ela comprovou que os chimpanzés são capazes de usar ferramentas e que sua organização social tem semelhanças profundas com a dos humanos

A ciência e o ambientalismo perderam uma de suas maiores vozes. A primatologista britânica Jane Goodall, reconhecida mundialmente pelo trabalho pioneiro com chimpanzés e pela dedicação incansável à defesa da natureza, morreu aos 91 anos, de causas naturais, durante uma turnê de palestras nos Estados Unidos. Bem-humorada e ativa, ela levava sua mensagem de conservação a diferentes públicos pelo mundo.

Jane iniciou sua trajetória científica em 1960, ao viajar para a Tanzânia e mergulhar no estudo de chimpanzés em vida livre no Parque Nacional de Gombe. As observações de seu convívio direto com os animais mudaram paradigmas: ela comprovou que os chimpanzés são capazes de usar ferramentas e que sua organização social guardava semelhanças profundas com a dos humanos. Ao longo de mais de 35 anos de pesquisa contínua, transformou-se na maior especialista no comportamento desses primatas, influenciando gerações de cientistas e ampliando o entendimento do lugar da humanidade na natureza.

Em 1977, fundou o Jane Goodall Institute, presente hoje em dezenas de países, voltado à proteção de primatas, seus habitats e programas de educação ambiental para jovens. O projeto Roots and Shoots, lançado em 1991, consoli-



Jane Goodall comprovou, com seus estudos, que os chimpanzés são capazes de usar ferramentas

dou esse propósito, formando uma rede global de crianças e adolescentes engajados em ações pela conservação.

O reconhecimento por sua trajetória veio em diferentes frentes. Em 2002, recebeu o título de Mensageira da Paz da ONU. Em 2004, a rainha Elizabeth II a tornou Dame Commander of the Order of the British Empire (DBE), o equivalente feminino a “Sir”, concedendo-lhe o direito de ser chamada formalmente de Dame Jane Goodall.

Em 2022, a primatologista foi homenageada pela Mattel e foi transformada em uma boneca da série “Inspiring Women” da Barbie, gesto simbólico que levou sua história a novas gerações. No ano seguinte, lançou o livro “The Book of Hope”, no qual refletia sobre o futuro do planeta.

No dia 4 de janeiro deste ano, recebeu do então presidente Joe Biden

a Medal of Freedom, a mais alta honraria civil dos Estados Unidos. Esse foi um dos últimos momentos formais de Biden na presidência, já que ele deixou o posto 16 dias depois.

Com vídeos e mensagens compartilhadas nas redes sociais, a cientista consolidou-se como uma referência global do movimento ambientalista, denunciando a destruição de ecossistemas e o uso de animais em pesquisas. Apesar disso, Jane conseguia transmitir otimismo. Seu legado se entrelaça com a ideia de que é possível conciliar desenvolvimento humano e respeito à vida selvagem, desde que governos e sociedades se comprometam. Ela deixa um filho e netos.

No Brasil, a trajetória de Jane inspirou lideranças e ativistas. A ministra do Meio Ambiente e de Mudança do Clima, Marina Silva, encontrou-se com a primatologista em diferentes ocasiões, incluindo a visita da cientista ao país em outubro de 2023 e no Jackson Hole Wildlife Film Festival, nos Estados Unidos, no mês passado. No evento, as duas dividiram painéis e celebrações voltados à preservação das florestas tropicais e à defesa da Amazônia.

Ao se despedir de Jane em uma mensagem nas redes sociais, Marina destacou que a cientista “revolucionou o conhecimento da humanidade e tornou-se símbolo e inspiração para a luta ambiental”. Ela contou que sempre admirou o trabalho de Jane e sua personalidade, afirmativa e maternal e lembrou que tiveram “encontros cheios de alegria, onde compartilhamos nossas esperanças de um futuro sustentável”. **E**

A despedida do Amigão

O locutor esportivo e apresentador Paulo Soares faleceu aos 63 anos, após cerca de cinco meses de internação; ele foi homenageado pela ESPN



DIVULGAÇÃO

Paulo Soares, o Amigão, fez dupla com Antero Greco, que morreu em 2024, no comando do "SportsCenter"

O jornalismo esportivo brasileiro perdeu nesta segunda-feira, 29, uma de suas vozes mais carismáticas. Morreu aos 63 anos, em São Paulo, o locutor esportivo, narrador e apresentador Paulo Soares, o Amigão. Natural de Goiânia, Soares construiu uma carreira que passou pelo rádio e por emissoras de TV como Gazeta, Record e Cultura. Mas foi na ESPN, onde chegou em 1990, que ele se tornou uma voz que repercutia entre "os fãs do esporte".

Amigão estava internado havia cerca de cinco meses no hospital Sírio Libanês, na capital paulista, onde faleceu. Ao longo dos últimos anos, Soares foi submetido a seis cirurgias na coluna e precisou ficar afastado na ESPN para cuidar da saúde por duas vezes, em 2017 e em 2023. Ele enfrentou problemas renais e teve falência múltipla dos órgãos. O apre-

sentador deixa a mãe, Anna Maria, a companheira, Marlene, e os irmãos, Marcelo e Roberto.

O apresentador partiu pouco mais de um ano após a despedida de seu inseparável companheiro de bancada, o jornalista Antero Greco, que morreu aos 69 anos, em maio de 2024, em decorrência de um tumor cerebral. Dupla formada em 2000, Amigão e Greco transformaram a apresentação do programa "SportsCenter", subvertendo a rigidez da atração com uma química inigualável, marcada por risos, bordões e uma cumplicidade que transbordava a tela. Eles não apenas liam as notícias; eles as comentavam como se estivessem em uma conversa entre amigos. Outro programa da ESPN em que ficou marcado foi o "Linha de Passe".

Soares deu largada em sua carreira como narrador aos 15 anos, na Rádio Clube de Araras, no interior paulista. Dali partiu para várias outras rádios do Brasil até chegar, em 1983, à Rádio Gazeta, em São Paulo. Sua estreia na TV foi na própria Gazeta, em 1983. Em 1994, chegou à TVA Esportes, o embrião da ESPN no Brasil, que abriu suas portas oficialmente em 1995 no país. Ainda passou um período no SBT entre 1998 e 2003. Mas voltou para a ESPN.

Ao longo dos últimos anos, Soares foi submetido a seis cirurgias na coluna e precisou ficar afastado para cuidar da saúde por duas vezes, em 2017 e em 2023. Admirado pelo público, ele foi homenageado pela casa com uma programação especial. **E**

Ícone da comédia



DIVULGAÇÃO/REDE GLOBO

Nascida na Polônia, Berta chegou ao Brasil aos nove; passou pelo cinema, teatro e TV

A atriz Berta Loran morreu aos 99 anos. São mais de sete décadas de carreira

A atriz e comediante Berta Loran morreu na madrugada deste domingo, 28, aos 99 anos, após 10 dias internada em um hospital na Zona Sul do Rio de Janeiro. A artista se tornou conhecida do público a partir da década de 1960, por meio de programas de humor como "Balança, Mas Não Cai", "Escolinha do Professor Raimundo" e "Zorra Total". Foram mais de sete décadas atuando na TV, no cinema e teatro. "Humor é tudo na vida", dizia.

Nascida na Polônia, Berta – nome adotado ao chegar ao Brasil, aos nove anos – iniciou sua trajetória em clubes da comunidade judaica. Estreou no cinema em 1955, no filme "Sinfonia Carioca". Já famosa na grande tela e nos teatros, foi chamada para um programa na extinta TV Tupi. De lá, entrou para a Globo em 1966, onde participou de elencos que construíram a história da TV, como "Faça Humor, Não Faça Guerra", "Planeta dos Homens" e "Viva o Gordo".

Participou também de novelas marcantes como "Cambalacho", "Cordel Encantado" e "A Dona do Pedaço", sua última atuação na TV. Ela deixa a sobrinha Sarita Paskin. **E**

Pancadaria e bebidas contaminadas

As cenas de violência no combate entre Popó e Wanderlei Silva agitaram os leitores de IstoÉ. Os casos de bebidas contaminadas com metanol e o alerta para consumo seguro também mobilizaram as redes

O nariz quebrado de Wanderlei Silva

A luta entre o tetracampeão mundial de boxe Acelino “Popó” Freitas e a lenda do MMA Wanderlei Silva acabou em confusão após o boxeador ter sido declarado vencedor. Wanderlei deu três cabeçadas no adversário, que são golpes proibidos. Os times dos dois lutadores invadiu o ringue e houve confusão generalizada. O supercampeão de MMA recebeu um soco no rosto e despencou, nocauteado.



386 mi 4,5 mil

Lula e possíveis indicações para o STF

Caso seja reeleito em 2026, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) terá direito a indicar mais três ministros para o STF (Supremo Tribunal Federal), se os magistrados atuais deixarem a Corte no tempo previsto. A Constituição determina aposentadoria compulsória a partir dos 75 anos de idade.



189 mil 6,7 mil

Como se proteger de bebidas falsificadas

Segundo a Federação dos Hotéis, Restaurantes e Bares de SP (Fhoresp), mais de um terço das bebidas alcoólicas vendidas no país, principalmente as destiladas, são falsificadas, adulteradas ou contrabandeadas. Esse mercado ilegal gera prejuízos fiscais acima de R\$ 80 bilhões e, pior, coloca vidas em risco. O alerta chama atenção nestes dias em que o público conheceu os casos de bebidas adulteradas e com metanol presente na composição – são quatro as vítimas fatais.



112 mil 4,6 mil

Musculação para idosos

Usar a idade como argumento para não treinar é uma desculpa desbancada pela ciência. Cada vez mais pesquisas comprovam que os exercícios de força trazem benefícios poderosos para os idosos: mais disposição, menos risco de quedas, ossos mais fortes, memória preservada e até proteção contra doenças degenerativas. Mesmo quem nunca treinou pode começar a praticar musculação e sentir a diferença.



92,2 mil 2,6 mil



92,2 mil 2,6 mil

Xenofobia em Portugal

“Volta para a tua terra” é uma frase ouvida por brasileiros em Portugal. A xenofobia contra a comunidade que mora hoje no país tem escalado para um novo patamar de violência nas redes sociais, um fenômeno que, segundo especialistas, é alimentado pelo avanço da ultradireita e por uma sensação de impunidade de no ambiente digital.

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaistoe

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

"Note-se bem que aquele era um momento em que não havia as suspeições que depois vieram a ser levantadas sobre a Lava Jato. E portanto eu apliquei ao presidente Lula, com dor no coração, a jurisprudência que eu tinha ajudado a criar"

Luiz Roberto Barroso, ministro do STF, para a jornalista Mônica Bergamo, da Folha de S. Paulo, sobre seu voto favorável à prisão de Lula, em 2018



REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM

"O que está acontecendo é muito cruel. Separam famílias, deportam pessoas para lugares que nem sequer são seus locais de origem. Há campos que eles chamam de detenção. São de concentração"

Isabel Allende, escritora chilena, sobre a política dos EUA sobre os imigrantes em situação irregular no país

"O que o Selton fez foi cidadania da mais alta qualidade. Do lugar do privilégio, você enxergar o outro como uma pessoa que também merece ter o que você tem, isso é muito lindo"

Gilda Nomacce, atriz, sobre Selton Mello ter dado visibilidade ao seu trabalho ao comentar a seu respeito - ela viralizou após dar entrevista na TV e gritar como personagem do filme de terror "Enterre Seus Mortos"



REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM



ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

"Seria bonito nós formarmos uma nova liga, excluindo o Flamengo. O Flamengo joga com ele mesmo. Quero ver a audiência que vai ter. Acho muito difícil gestores com essa mentalidade. Isso não engrandece em absolutamente nada o futebol brasileiro"

Leila Pereira, presidente do Palmeiras, em crítica ao Flamengo que bloqueou na Justiça R\$ 70 milhões que seriam compartilhados com os clubes integrantes da Libra; o time carioca contesta o montante que lhe caberia



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

"Não faz nenhum sentido o que eles estão fazendo. Economias amigas há 200 anos, países amigos há 200 anos, entrou e saiu o governo, de cá e de lá, nunca tivemos problema. Acho que foi um tiro no pé deles, inclusive para a economia americana. Não faz o menor sentido pagar mais caro o café, pagar mais cara a carne"

Fernando Haddad, ministro da Fazenda, sobre o tarifaço do governo Donald Trump

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

